



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A obra de Clemente de Alexandria na *Biblioteca* de Fócio:
uma proposta de tradução e análise dos códices 109 e 110**

Isabella de Jesus Lima Rodrigues

DRE: 117083921

RIO DE JANEIRO

2024

ISABELLA DE JESUS LIMA RODRIGUES

**A obra de Clemente de Alexandria na *Biblioteca* de Fócio:
uma proposta de tradução e análise dos códices 109 e 110**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras: Português- Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ribeiro Martins

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 2024

Pedro Ribeiro Martins - Presidente da Banca Examinadora
Prof. Dr. da Faculdade de Letras/UFRJ

Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk - Leitora Crítica
Prof^ª. Dr^ª. da Faculdade de Letras/UFRJ

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer enxergar, com seu amor perfeito, que eu estava segura para continuar seguindo em frente, mesmo quando pensei que tudo estava fora de controle.

Aos meus pais, que me apoiam em tudo: André Gustavo Teixeira Rodrigues e Rosângela de Jesus Lima Rodrigues. Obrigada por prezar pela minha segurança durante o trajeto Campo Grande-Fundão, por respeitar o meu tempo e por suprir todas as minhas necessidades físicas e emocionais. Amo vocês e sou grata eternamente!

A toda a minha família e, em especial, aos meus avós, Edson de Souza Lima (*in memorian*) e Creuza de Jesus Lima, por sonhar com a minha formatura e pelas orações.

Ao meu orientador, professor e amigo, Pedro Ribeiro Martins, por sua escuta ativa, por me incentivar a traçar planos que eu não imaginava ser capaz de realizar, por ser tão compreensivo e paciente e por propor as melhores soluções nos momentos certos. À professora Simone Bondarczuk, por sua disciplina, por sua maravilhosa dedicação, por sempre acreditar em mim e também pelo carinho. À Stefania Sansone Giglio, por ser a musa que me encantou com suas aulas e me inspirou a estudar a língua grega.

Aos outros professores de língua grega e latina, com quem aprendi muito sobre os estudos clássicos. Especialmente, os professores Ticiano Lacerda, Beatriz di Paoli, Tatiana Ribeiro, Rainer Guggenberger, Auto Lyra Teixeira, Katia Teonia e Fábio Frohwein.

Ao meu colega Jônatas Ferreira, orientando de doutorado do professor Pedro Martins. Obrigada por todas as sugestões que fez para o meu trabalho e por sempre estar disposto a me ajudar.

A todos os meus colegas do Projeto Fócio e do Núcleo de Documentação em Letras Clássicas. Gratidão por todas as contribuições de vocês.

Ao CNPq, pela bolsa de Iniciação Científica concedida, cuja importância para a concretização deste trabalho é, sem dúvidas, significativa.

Aos demais professores da graduação, que, igualmente, foram grandes incentivadores, os quais com sua pedagogia e amor pelo ensino me fizeram ter orgulho da profissão que escolhi e que me ensinaram muito sobre o mundo acadêmico. Entre eles, destaco Luciana Nascimento, Mônica Hourri, Mariana Roque, Anabelle Loivos, Mariana Patrício, Luci Ruas, Gumercinda Gonda, Maria Lucia Guimarães de Faria, Eduardo Coelho, Godofredo de Oliveira Neto, Beatriz Christino, Carlos Alexandre Gonçalves, Silvia Vieira, Maria Eugênia Lammoglia Duarte e Afrânio Barbosa.

À Silvia Cavalcante, professora e diretora adjunta de ensino de graduação. Sou grata por sua disposição para sanar minhas dúvidas a respeito de tantas demandas do sistema acadêmico.

Aos amigos que fiz na graduação, com quem dividi a sala de aula, os corredores da faculdade e os sonhos. Em especial, destaque: Bárbara Perez, por ter embarcado na aventura de estudar grego antigo comigo e por não me deixar desistir. Liandra Marques, por estar ao meu lado em tantos momentos, por ser tão parecida comigo e, assim, me fazer enxergar o que há de melhor em mim. Daiane Araujo, pelo entusiasmo com que encara os desafios da vida e por ser franca de uma forma admirável. Vanessa Lima, pela lealdade, por dividir comigo seus poemas e pelo romantismo com que enxerga a vida. Emanuel Félix, pelo carisma, pelas conversas profundas e por sua genialidade. Gabrielle Belo, por todos os cafés, pelos desabafos e pelo acolhimento e Maria Eliandra, por sua elegância e simplicidade.

Aos pastores Mauricio e Denise Fragale, Ivã e Andréa Duarte, por me inspirar a buscar o conhecimento da Verdade e por me ensinar a ser uma pessoa mais descomplicada. Gratidão a vocês que cuidam de mim em nossa segunda casa.

Aos demais amigos que me ajudaram a aliviar o estresse desse processo, contribuindo para que esse processo se tornasse mais leve. Obrigada por me proporcionarem momentos tão felizes.

DEDICATÓRIA

Aos amantes da Literatura e da Filosofia e, em especial, aos defensores dos Estudos Clássicos

EPÍGRAFE

*“Grande libertador
Que quebraste as algemas de todas
as mortes - as do corpo e as da alma,
A morte, a doença, a tristeza,
A arte, a ciência, a filosofia,
Grande libertador
Que arrasaste os muros da cadeia velha”*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho foi realizado a partir dos estudos da obra do filósofo e apologista cristão Clemente de Alexandria (150-215 d.C.), com auxílio da bolsa PIBIC-CNPq. Como objeto desta pesquisa, escolheu-se um dos títulos mais polêmicos de Clemente: o livro Ὑποτυπώσεις, traduzido para o português como “Esboços”. Trata-se de uma obra perdida, pois dela só nos foram legados alguns fragmentos registrados nos escritos de outros autores, como Fócio I, Patriarca de Constantinopla (ca. 810-893). Logo, esta pesquisa se realizou no âmbito do Projeto Fócio, que tem como objetivo propor uma tradução inédita para Língua Portuguesa da obra *Biblioteca*. Como metodologia para este trabalho, realizamos a tradução dos códices 109 e 110 da *Biblioteca*. Depois analisamos esses códices estabelecendo uma comparação entre os comentários de Fócio e as obras de Clemente. Para isso, foram estudados livros de importância do padre alexandrino, como *Exortação aos Gregos* e *O Pedagogo*, os quais foram preservados integralmente. Dessa forma, realizamos um cotejo das obras dos dois autores, a fim de investigar as circunstâncias por trás da produção e do desaparecimento da obra *Esboços* e das polêmicas doutrinárias que levaram Fócio a classificá-la como herética. Além disso, também levantamos um questionamento sobre a verdadeira autoria do texto, tendo em vista o caráter contraditório dessa obra. Assim, a discussão deste *corpus* visa esclarecer quais as doutrinas filosóficas vigentes no Cristianismo Primitivo que podem ter influenciado Clemente. A partir dessa investigação, é possível compreender as acusações por heresia que levaram o teólogo de Alexandria a ser apagado do cânone da Igreja, sobretudo, no Período Bizantino.

Palavras-chave: Clemente de Alexandria, Fócio I de Constantinopla, Cristianismo Primitivo, Período Bizantino, Heresia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
I. SOBRE A VIDA E A OBRA DE DOIS PENSADORES CRISTÃOS.....	14
1.1 Clemente de Alexandria.....	14
1.2 Fócio I de Constantinopla e a <i>Biblioteca</i>.....	18
1.3 O Cisma de Fócio e a separação das igrejas.....	21
II. <i>OS ESBOÇOS</i> DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA: TRADUÇÃO E ANÁLISE DO CÓDICE 109 DA <i>BIBLIOTECA</i>	23
2.1 Tradução do código 109 da <i>Biblioteca</i>.....	23
2.2 Sobre a obra e seu desaparecimento.....	25
2.3 Polêmicas observadas no código 109.....	28
2.4 Recepção de Fócio e questionamentos de cunho autoral.....	34
III. <i>O PEDAGOGO</i> DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA: TRADUÇÃO E ANÁLISE DO CÓDICE 110 DA <i>BIBLIOTECA</i>	37
3.1 Tradução do código 110 da <i>Biblioteca</i>.....	37
3.2 Descrição da obra e seu lugar na trilogia clementina.....	37
3.3 Recepção de Fócio e a relação entre <i>O Pedagogo</i> e <i>Esboços</i>.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

A ideia de realizar uma pesquisa sobre a literatura grega e o cristianismo primitivo surgiu no ano de 2019, após a oportunidade que tive de cursar uma disciplina optativa intitulada “Polêmicas entre pagãos e cristãos na Antiguidade Tardia”, ofertada pelos professores Dr. Pedro Ribeiro Martins e Dr^a Simone Bondarczuk. Tendo em vista o meu ingresso nas disciplinas de Grego da Faculdade de Letras da UFRJ, as quais cursei em concomitância à graduação de Literaturas, houve um interesse da minha parte em me aprofundar nos estudos sobre a História da Igreja e, em especial, sobre os apologistas gregos da Escola de Alexandria.

No mesmo ano, também tive a oportunidade de ingressar na equipe de grego do Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas (NDLC-UFRJ). Este projeto de extensão, coordenado principalmente pelo Dr. Fábio Frohwein, professor de Latim da UFRJ, surgiu com o objetivo de realizar a catalogação de obras raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), escritas em latim e em grego antigo. Logo, com a coordenação dos professores Dr. Pedro Martins, Dr. Ticiano Lacerda e Dr. Rainer Guggenberger da UFRJ, teve início a atuação da equipe de grego neste projeto que até então só contava com alunos do curso de Latim. A partir desse tempo, atuando como aluna extensionista no NDLC, comecei a estudar a possibilidade de realizar uma pesquisa de Iniciação Científica relacionada a uma das obras com as quais eu estava trabalhando na FBN.

Em 2020, a pandemia de covid-19, infelizmente, suspendeu por tempo indeterminado as atividades do NDLC e as aulas da Faculdade de Letras, que só retornaram no final do ano de forma remota. Portanto, o projeto de extensão permaneceu funcionando somente *online* até o final de 2021, assim como as aulas da graduação. Durante este tempo, pude aprofundar os meus estudos sobre a língua e literatura grega antiga e, com o retorno das atividades presenciais em 2022, comecei a desenvolver, de fato, um projeto de pesquisa.

A partir de 2022, a minha pretensão de escrever sobre a trilogia que compõe as principais obras do filósofo cristão Clemente de Alexandria (ca. 150 - 215 d.C.) veio ao encontro do início do Projeto Fócio. Este projeto consiste na tradução inédita para a língua portuguesa da obra *Biblioteca* de Fócio, catalogada pela equipe de grego do NDLC. A *Biblioteca* é uma obra multitemática na qual o autor Fócio (ca. 820 - 895 d.C.), Patriarca de

Constantinopla, comenta sobre diversos autores da antiguidade e do medievo, inclusive sobre Clemente. Logo, esta pesquisa teve início em 2022 e continuou em 2023 com o auxílio da bolsa PIBIC-CNPq, ofertada para o Projeto Fócio, culminando na escrita deste trabalho de conclusão de curso.

Portanto, esta monografia apresenta, principalmente, uma investigação sobre uma obra perdida do autor Clemente de Alexandria, intitulada em grego *Hypotyposeis* ou *Esboços*, em português. Além disso, a partir dessa obra, também comentamos sobre o *Protréptico* (*Exortação aos Gregos*) e sobre *O Pedagogo*, tendo em vista que essas duas obras fazem parte do cânone clementino e são muito relevantes para entender as polêmicas relacionadas à autoria dos *Esboços*. Dessa forma, a partir da tradução dos códices 109 e 110 da *Biblioteca*, analisamos os comentários de Fócio, levando em consideração o período bizantino em que ele estava inserido (século IX) e as teorias desenvolvidas por outros autores no âmbito acadêmico sobre o contexto de produção das obras de Clemente (século II d.C.), através de um trabalho de revisão bibliográfica.

Logo, sob orientação do professor Dr. Pedro Martins, esta pesquisa visou realizar o cotejo dos escritos de Clemente de Alexandria e Fócio I de Constantinopla, contribuindo para a tradução coletiva da *Biblioteca*. Sendo assim, buscamos investigar as circunstâncias por trás da recepção que Fócio fez das obras do padre alexandrino, levando em conta o contexto histórico, literário e teológico em que esses pensadores estavam inseridos, além de abordar questões sobre os conflitos políticos que marcaram o Império Bizantino. Para tanto, é mister entender as implicações do salto temporal existente entre as produções desses dois pensadores e as correntes de pensamento vigentes tanto durante o cristianismo primitivo quanto na era medieval. Essas questões serão apresentadas de forma mais detalhada ao longo deste trabalho.

Este trabalho está organizado em três capítulos. Após apresentar o objetivo da pesquisa, a metodologia de trabalho e o Projeto Fócio, o capítulo I contextualiza o leitor sobre a vida de Clemente e sobre a Escola de Alexandria. Também são apresentados, neste capítulo, Fócio I e a sua principal obra, *Biblioteca*, além de abordar o Cisma de Fócio e o complexo cenário político em que ele atuou como Patriarca de Constantinopla no século IX. No capítulo II e III são apresentadas as traduções dos códices 109 e 110 da *Biblioteca*, respectivamente. No capítulo II, é feita uma análise sobre o contexto de produção das obras comentadas por Fócio, além de apresentar as principais teorias sobre a cronologia dessas obras. Ainda neste

capítulo, apresentamos as polêmicas que Fócio comenta no códice 109 e, a partir delas, propomos uma análise das doutrinas heréticas que, provavelmente, influenciaram Clemente na escrita dos *Esboços*. No capítulo III, *O Pedagogo* é apresentado ao leitor através de uma análise etimológica da palavra que compõe o título dessa obra, a fim de mostrar, historicamente, a sua origem na Grécia Antiga e a apropriação que os cristãos fizeram dela. Em ambos os capítulos também são tecidas algumas considerações sobre a recepção que Fócio fez das obras clementinas, mostrando os valores políticos e religiosos que moldaram o juízo de valor emitido sobre elas.

Para organizar a metodologia desta pesquisa, o desenvolvimento deste trabalho se deu através de algumas etapas. Primeiro, a fim de mergulhar no complexo universo do Cristianismo primitivo, houve a fase de leitura e estudo do *corpus* clementino e do contexto histórico, político e filosófico tanto da época da antiguidade tardia quanto da era medieval, na qual Fócio viveu. Após esse processo, o foco desta pesquisa voltou-se para o processo de tradução dos códices 109 e 110 da *Biblioteca*, em que o Patriarca de Constantinopla se dedica a comentar as obras anteriormente citadas.

Um dos principais estudos que me auxiliaram nesta empreitada foi a tese da professora Dr^a Rita de Cássia Codá dos Santos, defendida em 2006 na Faculdade de Letras da UFMG, na qual ela apresenta sua tradução do *Protréptico* alexandrino, intitulado *Exortação aos Gregos*, bem como a posterior publicação dessa obra em edição bilíngue grego-português pela editora É Realizações (2013). Também, para a pesquisa de cunho biográfico e histórico, a clássica obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia, foi de suma importância, assim como os livros *Uma História do Pensamento Cristão*, de González (2004) e *História da Filosofia Patrística*, de Moreschini (2013). A fim de abordar as polêmicas em torno das doutrinas filosóficas que surgiram nos primeiros séculos, consultamos *História das Heresias*, de Frangiotti (1995).

As referências que nos permitiram promover um panorama sobre as questões polêmicas em torno da história de Fócio foram baseadas, principalmente, em Treadgold, *A History of the Byzantine State and Society* (1997) e Dvornik, *The Photian Schism: History and Legend* (1970), além de Diller (1962) e Wilson (1968).

Para as discussões de caráter textual e filológico, a fim de discutir o conceito de “obras perdidas”, assim como o de literatura fragmentária contamos com a contribuição, principalmente de Bogdan Bucur, que escreveu o artigo *The Place of the Hypotyposes in the*

Clementine Corpus: An Apology for “The Other Clement of Alexandria” (2009). Além, claro, da notável edição de Otto Stählin, *Clemens Alexandrinus, vol. 3: Stromata Buch VII und VIII, Excerpta ex Theodoto, Eclogae prophetae, Quis dives salvetur, Fragmente* (1970), que reúne 24 fragmentos de Clemente de Alexandria.

Durante a fase de tradução, contamos com os encontros periódicos realizados pelo laboratório de práticas de tradução e revisão do Projeto Fócio, no qual tive a oportunidade não só de ter os meus textos revisados, mas também de participar da revisão dos textos traduzidos pelos meus colegas. Por fim, procurei unir o resultado da minha tradução com as leituras feitas e com um levantamento bibliográfico a fim de responder algumas questões que foram surgindo ao longo deste processo e que ficarão mais claras nos próximos capítulos.

O Projeto Fócio entende-se como um laboratório de práticas de tradução e revisão em grupo da obra *Biblioteca* e é desenvolvido no âmbito do departamento de Letras Clássicas da UFRJ. A partir das traduções revisadas em grupo, são desenvolvidas pesquisas em diversos níveis acadêmicos, desde a graduação, com projetos de Iniciação Científica, à pós-graduação, com dissertações de mestrado e teses de doutorado. Vinculado ao NEC-FBN (Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional), o projeto é coordenado pelos professores Dr. Pedro Martins, Dra. Simone Bondarczuk e o Dr. Ticiano Lacerda. Esse núcleo de estudos foi idealizado pelos professores Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz e Dr. Rainer Guggenberger da UFRJ.

O Projeto Fócio surgiu em 2022 a partir da catalogação de uma edição de 1653, de David Hoeschel¹, da obra *Biblioteca*, de Fócio, feita pela equipe de grego do Projeto de Extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas (NDLC- UFRJ). Dada a importância da obra e sabendo que ela ainda não possui nenhuma tradução para a língua portuguesa, viu-se a necessidade de iniciar um projeto com essa finalidade: fazer uma tradução conjunta inédita para a língua portuguesa da *Biblioteca* de Fócio.

A *Biblioteca* ou *Myriobiblion*² é um livro composto por 280 apartados chamados códices, semelhantes ao que hoje chamamos de capítulos. Esta obra multitemática retrata as leituras que Fócio fez nos banquetes intelectuais em que se discutiam grandes obras da

¹ HOESCHEL, David. *Phōtiou Myriobiblon, ê Bibliothêkê. Photii Myriobiblon, sive Bibliotheca. Rothomagi [Rouen]: Sumpt. Ioan. et Davidis Berthelin, Fratr. [Jean Berthelin e David Berthelin], 1653.*

² Μυριοβιβλιον significa, literalmente, “incontáveis livros”, “infinitos livros” ou ainda “10.000 livros”. Mas na era moderna, é comum encontrar esse título traduzido como “Mil livros”.

literatura clássica. Ela é até hoje uma das maiores fontes de referências sobre obras de diversos autores da Antiguidade, da Antiguidade Tardia e do Medievo.

Tendo em vista que o conteúdo de muitos códices já era de interesse dos pesquisadores de língua e literatura grega da Faculdade de Letras da UFRJ, naturalmente, a equipe do Projeto Fócio se estabeleceu de forma rápida. Com a estimada ajuda da professora Dr^a Simone Bondarczuk, o projeto conseguiu parceria com a editora da versão italiana da *Biblioteca*, Edizioni della Normale di Pisa e com os professores doutores que participaram dessa edição, Nunzio Bianchi e Claudio Schiano. Essa publicação ainda contou com a introdução do renomado helenista Dr. Luciano Canfora, que foi o idealizador e diretor do projeto.

Sem dúvida, essa parceria foi de suma importância para o início do projeto, já que até então, só tínhamos iniciado as atividades com base nos dados da Biblioteca Nacional e com o auxílio da edição renascentista encontrada pelo NDLC. Dessa forma, nossa equipe teve acesso à edição crítica do texto grego, comentada e estabelecida pelos professores da Università degli Studi di Bari Aldo Moro, e é essa edição que uso como base para a tradução deste trabalho.

O Projeto Fócio encontra-se na primeira fase, na qual 40 códices serão traduzidos e comentados pelos pesquisadores. Como já foi dito, a pesquisa apresentada neste trabalho apresenta somente a tradução dos códices 109 e 110, mas pretende-se também traduzir o códice 111 futuramente, no qual Fócio comenta sobre a obra *Miscelânea*, de Clemente.

I. SOBRE A VIDA E A OBRA DE DOIS PENSADORES CRISTÃOS

1.1 Clemente de Alexandria

Tito Flávio Clemente foi padre da igreja primitiva e filósofo cristão, provavelmente, nascido em Atenas entre 140 e 150 d.C, e viveu até 215 d.C. Sabe-se, através de Eusébio de Cesaréia, que Clemente tinha profundo conhecimento da literatura grega clássica e que a sua erudição antecedeu o seu conhecimento a respeito do cristianismo, o que contribuiu para que ele se tornasse uma figura expoente na tradição precursora dos pais da igreja que visava conciliar fé e razão. Segundo informações reunidas por González, parece que Clemente foi educado em Atenas e permaneceu lá até a sua conversão: “(...) partiu a procura de sabedoria, uma busca que o conduziu à Itália, à Síria e à Palestina, até que encontrou Panteno em Alexandria e vislumbrou nele a luz que seu espírito necessitava” (González, 2004, p. 187).

A respeito de sua formação clássica, temos um trecho da *Miscelânea*, citado por Eusébio³, em que o próprio Clemente relembra os diferentes mestres com quem teve contato:

Esta obra não é um escrito composto segundo as regras da arte, por ostentação, mas tesouro de notas para minha velhice, remédios contra o esquecimento, imagem sem artificios, simples esboço de ensinamentos claros e espirituais que mereci ouvir da boca de homens felizes e eméritos.

Um deles, Jônico, morava na Grécia, outros na grande Grécia - um deles era da Celessíria, o segundo do Egito -, outros residentes no Oriente: um era da Assíria, outro da Palestina, hebreu de nascença; junto do último que encontrei - o mais instruído! - me detive. Persegui suas pegadas no Egito, onde ele se escondia (Clemente de Alexandria, *Stromateis* I, 1, 11. 1-2).

Esse erudito que Clemente chama de “o mais instruído” parece ser Panteno, tendo em vista a afirmação de que ele “se escondia” no Egito. Esse é exatamente o lugar em que a cidade de Alexandria desenvolveu uma cultura de apreço à sabedoria, onde filósofos de várias regiões e apologistas cristãos da Antiguidade Tardia reuniam-se numa academia que ficou conhecida como “Escola de Alexandria”. González explica que a atividade cultural de Alexandria no final do século 2º era tão intensa que chegava a superar a da capital do império.

³ Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica* V, 11 3-4.

Já em termos de política e economia, havia apenas duas cidades que rivalizavam com ela: Roma e Antioquia. (González, 2004, p. 183).

Sobre Panteno, sabe-se muito pouco, tendo em vista que nenhum escrito dele nos foi legado, mas a tradição parece nos ensinar que ele fez parte da chamada “Escola Catequética de Alexandria”, cujo formato era “semelhante às escolas que os filósofos comumente possuíam, ou semelhante à que Justino dirigira em Roma” (González, 2004, p.186)

Como defendeu Manoel Charumbo em sua dissertação de mestrado *O Martírio Gnóstico segundo Clemente de Alexandria*, os dois primeiros nomes latinos de Clemente, *Titus Flavius*, parecem indicar que ele possuía ascendência romana. Além disso, Charumbo também comenta, citando diferentes autores, que o epíteto de alexandrino foi dado a ele não somente por ter se estabelecido na escola de Alexandria, mas também para diferenciá-lo do seu homônimo Clemente Romano, o qual viveu um século antes. (Charumbo, 2021, p. 74).

A distinção entre “os dois Clementes” foi feita, primeiramente, por Eusébio de Cesaréia ao apresentar a narrativa “*Que rico se salvará?*”, contada por Clemente de Alexandria, a respeito de um episódio da vida do apóstolo João em Éfeso, após sair da ilha de Patmos, onde ficou por muito tempo exilado (Eusébio de Cesaréia, História Eclesiástica III, 23, 6-19).

Clemente é um dos nomes mais conhecidos entre os padres da igreja primitiva que formam os primórdios da chamada Patrística. Sabe-se que, no entanto, Clemente não nasceu cristão, mas pagão, o que certamente contribuiu para que ainda no início da vida recebesse a educação clássica do homem grego, além de, provavelmente, ter sido iniciado nos chamados *mistérios* pagãos, sobre os quais possuía conhecimento pormenorizado (H. Hägg & J. José Sanguineti apud Charumbo, 2021, p. 75).

Sabe-se também que Clemente foi um dos primeiros a estabelecer o diálogo entre fé e razão. Sobre isso, Moreschini o diferencia radicalmente de Ireneu e Tertuliano, os quais acreditavam que a filosofia teria sido inspiradora dos heréticos. (Moreschini, 2013, p. 110). O padre alexandrino se coloca, no entanto, dentro da tradição de Justino e Atenágoras, pois Clemente não tem dúvida de que a verdade pode ser encontrada através da filosofia dos gregos tanto quanto na lei dada aos hebreus, mas que a origem da verdade é única: Deus. Assim, ele concorda que a filosofia estaria a serviço da fé. A respeito dessa busca pela verdade, González afirma que, segundo Clemente, ela teria sido revelada de forma orgânica

aos judeus e cristãos, enquanto que para os pagãos, ela estaria velada, mas ainda assim, alcançável através da filosofia.

Clemente não tem dúvidas de que a verdade pode ser encontrada na filosofia dos gregos. Ele oferece duas explicações diferentes e parcialmente contraditórias; ambas podem ser encontradas em escritores cristãos mais antigos. Às vezes, Clemente afirma que os filósofos tiraram suas melhores ideias dos hebreus. Mas ele também declara que eles conheceram a verdade por meio de uma ação direta de Deus, de um modo semelhante àquele pelo qual os judeus receberam a Lei (González, 2004, p. 188-189).

A Alexandria dos primeiros séculos é descrita como um lugar de encontro de religiões místicas, doutrinas filosóficas e especulações gnósticas (Moreschini, 2013, p. 109). González afirma que somente Roma e Antioquia podiam rivalizá-la em importância política e econômica. Fundada entre 331 e 332 a.C. por Alexandre, o Grande, tornou-se um importante centro cultural após o advento da sua famosa Biblioteca e do Museu, empreendidos por Ptolomeu Soter.

A Biblioteca, cujos diretores figuravam entre os mais notáveis eruditos do mundo, cresceu a ponto de ter 700.000 volumes, o que a tornou em um arsenal de conhecimento estarrecedor para seu tempo. O Museu, como seu nome declara, era dedicado às musas, e era um tipo de universidade na qual os mais ilustres escritores, cientistas e filósofos se reuniam e trabalhavam. Principalmente por causa dessas instituições, Alexandria logo se tornou famosa como um rico centro de conhecimento (González, 2004, p. 183).

O caráter cosmopolita e eclético da cidade foi, sem dúvida, decisivo para o desenvolvimento das diversas correntes filosóficas e de pensamento que influenciaram os cristãos dos primeiros séculos, principalmente, Clemente e Orígenes, vide a importância das duas instituições citadas.

As principais obras de Clemente de Alexandria que temos preservadas são: *Exortação aos gregos* (*Προτρεπτικὸς πρὸς Ἕλληνας*), *Pedagogo* (*Ὁ Παιδαγωγός*) e *Miscelânea de Clemente* (*Κλημεντος Στρωματεώς*). Há também dois fragmentos intitulados *Que rico se salvará?* e *Extratos de Teódoto*. De fato, a escrita sobre o *Logos* divino parece propor uma sequência pedagógica, cujo objetivo seria de expor e revelar a verdade e levar os homens à salvação.

Acerca das motivações pedagógicas que organizam a literatura clementina, há uma discussão entre os estudiosos apresentada por Bucur, que investiga a mistagogia⁴ por trás da estrutura hierárquica sob a qual a tradição cristã costuma enquadrar Clemente. Bucur explica que “há uma relação orgânica entre a tradição oral dos anciãos e sua própria escrita, e mais genericamente, entre lecionar e escrever” (Bucur, 2009, p. 319-320, tradução nossa).⁵

Logo, alguns pesquisadores, como os estudiosos André Méhat e Pierre Nautin, passaram a enxergar os *Esboços* como um possível retrato do que seria o auge da doutrina teológica clementina, presumindo que ela seguiria um plano de escrita metodicamente organizado.⁶ E a respeito dessa suposta organização há uma passagem da obra *O Pedagogo* em que o próprio autor expõe o caráter sistemático da sua apologética, cujo plano de escrita parecia estar bem traçado:

Mas então, zelando para nós chegarmos à maturidade da salvação gradativamente, o *Logos*, pleno de amor pela humanidade, faz uso de uma bela dispensação correspondente à uma educação eficaz: primeiro exorta, depois educa, e, por fim, ensina (O Pedagogo, 1.1.3.3.5, tradução nossa).⁷

Pouco tempo depois de suceder Panteno, Clemente viu-se obrigado a fugir e deixar Alexandria em 202 d.C. por conta da perseguição do imperador Sétimo Severo aos cristãos. González (2004) afirma que “depois disso é ainda mais difícil saber o que aconteceu com o presbítero, mas sabe-se apenas que ele visitou a Capadócia e a Alexandria e morreu em alguma data entre 211 e 216 d.C.” (González, 2004, p. 187).

Conforme vimos anteriormente, “o melhor ponto de partida para um resumo da teologia de Clemente é a forma segundo a qual ele concebe o relacionamento entre a verdade cristã e a verdade encontrada na filosofia grega” (Ibidem, p. 188). Dessa forma, ele se

⁴ O termo “mistagogia” usado por Bucur tem um sentido específico e não significa apenas “iniciação aos mistérios”, já que está sendo usado no contexto do cristianismo. Essa terminologia está relacionada ao “currículo mistagógico” de Clemente, que tinha o propósito de guiar os cristãos no caminho da retidão de comportamento, por meio do desenvolvimento das virtudes.

⁵ “There is an organic relation between the oral tradition of the “elders” and his own writing, and, more generally, between teaching and writing” (Bucur, 2009, p. 319-320).

⁶ Conferir Bucur, Bogdan G. *The Place of the Hypotyposeis in the Clementine Corpus: An Apology for “the other Clement of Alexandria”*. In: *Journal of Early Christian Studies*. 2009, p. 315-320.

⁷ Σπεύδων δὲ ἄρα τελειῶσαι σωτηρίῳ ἡμᾶς βαθμῶ, καταλλήλῳ εἰς παιδευσιν ἐνεργῆ τῇ καλῇ συγχρηται οἰκονομία ὁ πάντα φιλόανθρωπος λόγος, προτρέπων ἄνωθεν, ἔπειτα παιδαγωγῶν, ἐπὶ πᾶσιν ἐκδιδάσκων (O Pedagogo, 1.1.3.3.5).

diferencia de Justino Mártir ao conceber a verdade como única e, assim, colocar a filosofia à serviço da fé na hierarquia da busca pela verdade.

É bom, pois, que Platão profira a verdade; mas não te desanimes: lança-te comigo em busca do bem, pois a todos os homens em geral, principalmente, que passam seu tempo dedicando-se aos estudos, foram concedidos alguns eflúvios divinos. Graças a isso, mesmo a contragosto, eles reconhecem que Deus é uno, imperecível e eterno, que Ele está no alto, em torno da abóbada celeste, em seu observatório próprio e particular (Clemente de Alexandria, *Exortação aos Gregos*, VI, 68.2-3, tradução de Rita Codá dos Santos).

Dessa forma, Clemente defende a ideia de que alguns filósofos foram inspirados pela verdade, portanto, a filosofia desenvolvida por eles, na verdade, não deveria partir de uma criação própria, como acreditavam os gregos, mas de uma espécie de inspiração dada pelo Deus único.

1.2 Fócio I de Constantinopla e a *Biblioteca*

Conhecido pela Igreja Ortodoxa como São Fócio, o Grande, o erudito Patriarca de Constantinopla, que viveu entre cerca de 820 a 895 d.C, foi uma figura emblemática para o primeiro humanismo bizantino. Graças a suas anotações e leituras da *Biblioteca*, Fócio “providenciou cópias de obras inteiras de vários escritores ou extratos das mesmas, muitas das quais hoje perdidas.” (Codá, 2006, p. 23).

Diller (1962, p. 389) salienta que grande parte da importância adquirida pela *Biblioteca* ao longo da história se deu por essa ser a única fonte de informação das obras que foram perdidas. Ou seja, se hoje há conhecimento a respeito da existência dessas relíquias, esse conhecimento se deu graças à *Biblioteca* de Fócio. Ele descreve os numerosos vestígios dos códices que compuseram as diferentes edições dessa obra, inclusive, comparando-os com códices de outros eruditos e investigando possíveis fraudes.

Os gregos aproveitaram bem a obra de Fócio, extraindo alguns capítulos como auxílio ao estudo dos respectivos livros e outros para fins de informação histórica. A ideia da obra, porém, não se enraizou entre eles. Não houve sucessores ou redações da *Bibliotheca*, como houve, por exemplo, das *Crônicas* de Teófanos e George Hamartolos ou do *Etymologicum Magnum* (Diller, 1962, p. 396, tradução nossa).⁸

⁸ The Greeks made good use of Photius' work, excerpting some chapters as aids to the study of the respective books and others for the sake of historical information. The idea of the work, however, did not take root among

Quanto ao título da obra, Diller (1962, p. 396) explica que *Bibliotheca*, como ficou mais conhecida, foi uma cunhagem latina do século XVI e *Μυριόβιβλον* (*Myrióbiblon* ou *Os Mil Livros*) era o título grego do décimo quarto século. Tendo em vista que não houve sucessores para o empreendimento de Fócio de escrever uma obra multitemática de tão grande erudição, a *Bibliotheca* permaneceu como a única obra bizantina produzida sobre a história da literatura.

Segundo Nigel G. Wilson (1968, p. 452), há evidências que apontam para a correspondência entre Fócio e seu irmão, Tarásio, para quem a obra *Bibliotheca* é dedicada. Diller (1962, p. 391) explica que essa informação advém de um relato de Atanásio de Alexandria do século XI. Especula-se que suas anotações fossem uma espécie de registro em cartas das reuniões de leitura em que Tarásio estivesse ausente.

O estilo sintético e resumido da escrita de Fócio parece indicar que suas leituras poderiam ser individuais e particulares. Outra questão levantada por Wilson (1968, p. 454) é se essas anotações foram feitas com os livros em mãos ou se são apenas fruto da memória do leitor, numa espécie de estudo reflexivo e não tanto de registro. Essa segunda possibilidade, por sua vez, estaria de acordo com a hipótese de que se tratavam de leituras de caráter mais particular do que público.

Sobre o local onde foram escritos os códices da *Bibliotheca*, Wilson (1968, p. 453) parece inclinado a concordar que a maior parte, senão todos, foram produzidos na capital - Constantinopla. Porém, alguns estudiosos apresentaram objeções a essa informação. Uma delas está no fato de Fócio mostrar a leitura de obras de conteúdo teológico considerado herético. Para refutar essa objeção, Wilson (1968, p. 454) argumenta que a censura bizantina, certamente, não era tão eficaz quanto foi a partir do século XX, com o advento do estado moderno, e que, possivelmente, Fócio leu essas obras na capital, a partir de cópias presentes nas bibliotecas monásticas negligenciadas pelo Império.

Alternativamente, se acreditarmos que todas as cópias na capital e nas províncias vizinhas foram destruídas pela autoridade patriarcal e pelos monges fanáticos, tendo sobrevivido somente nas comunidades heréticas do leste, não significa que o próprio Fócio tenha ido para o leste para ler essas cópias. Deve ter havido outros viajantes, e um estudioso perspicaz tão bem posicionado quanto Fócio na sociedade bizantina, sem dúvida, teve a oportunidade de lhe dar dicas

them. There were no successors or redactions of the *Bibliotheca*, such as there were, for instance, of the *Chronicles of Theophanes and Georgius Monachus* or of the *Etymologicum Magnum* (Diller, 1962, p. 396).

sobre livros raros que ele gostaria de ler. Foi até afirmado recentemente que Fócio fazia suas leituras na biblioteca patriarcal; mas isso é improvável, a menos que se suponha que os tratados heréticos eram mantidos em uma reserva especial, para ser consultados por leitores selecionados cuja ortodoxia estava acima de qualquer suspeita (Wilson, 1968, p. 454, tradução nossa).⁹

De toda forma, é evidente que com o poder concedido pela sua posição política, Fócio tinha certa autonomia sobre essas questões de censura, haja vista que o local onde os livros proibidos ficavam confinados era de seu conhecimento, indicando ser suspeito, inclusive, o desaparecimento de um dos livros de Clemente de Alexandria que Fócio comenta, *Os Esboços* - ou *Hypotyposeis*, em grego. Assim nos relata Rita Codá dos Santos em sua tese sobre a helenização do Cristianismo em Clemente de Alexandria:

Lembramos, aqui, que os livros considerados blasfematórios ou heréticos, após a avaliação feita pelas autoridades eclesásticas, eram confinados em armários especiais existentes no Patriarcado de Constantinopla – cúpula da Igreja Ortodoxa que funcionava como centro de controle dos acervos pertencentes às inúmeras comunidades religiosas espalhadas pelo Império. Esses armários representavam uma espécie de imposição de silêncio, um *ostracismo virtual*. Depois da avaliação do Patriarca de Constantinopla, as *Hypotypóseis* desapareceram (Codá, 2006, p. 26).

Tendo em vista que o fragmento registrado no códice 109 é o maior preservado na sua língua original - grego, a teoria de que o desaparecimento dessa obra aconteceu por conta da censura feita pela Igreja Ortodoxa ganha cada vez mais força. Afinal, como assinalado pela Dra. Rita Codá dos Santos, a cúpula que continha os acervos pertencentes às inúmeras comunidades religiosas do Império representavam uma imposição do silêncio, uma espécie de “ostracismo virtual”. E não é de se admirar que os *Esboços* tenham “se perdido” depois de passar por uma avaliação tão negativa feita pelo Patriarca de Constantinopla.

⁹ Alternatively, if one believes that all copies in the capital and neighbouring provinces were destroyed by patriarchal authority or fanatical monks, so that they survived only in the heretical communities of the east, it does not follow that Photius had to go to the east himself in order to read them. There must have been other travellers, and a keen scholar as well placed in Byzantine society as Photius no doubt had opportunity to drop hints about rare books that he would like to read. It has even been maintained recently that Photius did his reading in the patriarchal library; but this is unlikely unless one supposes that heretical tracts were kept in a special reserve, to be consulted by select readers whose orthodoxy was above suspicion (Wilson, 1968, p. 454).

1.3 O Cisma de Fócio e separação das igrejas no século IX

Fócio tornou-se uma figura polêmica por ter desencadeado as controvérsias que polarizaram as igrejas do ocidente e do oriente. Esse conflito aconteceu entre 863 e 867 e se deu, principalmente, pela oposição do papa Nicolau I à destituição de Inácio e à ascensão de Fócio ao cargo de Patriarca de Constantinopla em 861. Essa substituição se deu por influência de Bardas, tio do imperador bizantino Miguel III, o Ébrio, por questões pessoais e políticas. (Treadgold, 1997, p. 451).

Dvornik descreve como “tormentoso” o período vivido por Fócio no que diz respeito à política e às controvérsias teológicas: “Anos de controvérsia teológica haviam criado uma atmosfera explosiva e levaram mentes sensíveis às fronteiras do fanatismo religioso, enquanto as perseguições do período de iconoclastia penetraram profundamente na alma da Igreja” (Dvornik, 1970, p. 3, tradução nossa).¹⁰

Mesmo considerando Fócio um grande humanista e conhecedor tanto das Sagradas Escrituras quanto da literatura cristã e clássica de um modo geral, o qual foi mal entendido e mal interpretado pelo ocidente, Dvornik admite que Fócio teve seus momentos de fraqueza e de imprudência, principalmente, ao questionar e desafiar a autoridade do bispo de Roma. Um desses momentos foi o primeiro Concílio de Constantinopla, convocado por ele em 867 para tratar das relações do papa com o reino da Bulgária e debater sobre uma série de disputas doutrinárias apresentadas por Treadgold a seguir.

Frustrado com a deserção da Bulgária para o papado, Fócio realizou um concílio no final do verão que declarou o Papa Nicolau deposto, alegando que várias práticas de longa data da igreja ocidental eram heréticas. Estas incluíam jejuns aos sábados, o uso de pães ázimos na Eucaristia e a exclusão de homens casados do sacerdócio. Fócio condenou particularmente a *filioque*, uma frase na forma latina do Credo Niceno especificando que o Espírito Santo adveio do Filho assim como do Pai. Assim o Patriarca atacou toda a igreja ocidental (Treadgold, 1997, p. 454, tradução nossa).¹¹

¹⁰ “Years of theological controversy had created an explosive atmosphere and drive sensitive minds to the borders of religious fanaticism, while the persecutions of the iconoclasm period had bitten deep into the Church's soul” (Dvornik, 1970, p. 3).

¹¹ In frustration over Bulgaria's defection to the papacy, Photius held a council in late summer that declared Pope Nicholas deposed on the ground that various western church practices of long standing were heretical. These included fasting on Saturdays, using unleavened bread in the Eucharist, and excluding married men from the priesthood. Photius particularly condemned the *filioque*, a phrase in the Latin form of the Nicene Creed specifying that the Holy Spirit had proceeded from the Son as well as the Father. Thus the Patriarch attacked the whole western church (Treadgold, 1997, p. 454).

Com isso, Fócio não só contribuiu para uma disputa política entre as duas igrejas, mas também para acirrar as disputas sobre questões teológicas, já que levantou uma problemática praticamente impossível de ser resolvida, uma vez que as escrituras não falam sobre a origem do Espírito Santo.

Um ano após esse concílio, o imperador Miguel III foi assassinado por Basílio, o Macedônico, que tomou o poder como o único governante. Após a morte do papa Nicolau I, ainda no mesmo ano, o rei Basílio I, pressionado pelos extremistas e pelo papado, viu-se obrigado a depor Fócio do cargo de Patriarca, repudiando o seu último concílio. Depois, o imperador reintegrou Inácio ao clérigo e pediu ao novo papa, Adriano II, para que convocasse um novo concílio, o qual teria como objetivo unir novamente as igrejas do ocidente e do oriente (Ibidem, p. 455).

Por volta de 869, as relações políticas entre Roma e Constantinopla tornaram-se cada vez mais complicadas. Mas com a ajuda de Fócio, Inácio conseguiu reivindicar o direito do império bizantino sobre a Bulgária. Ainda assim, o papado declarou Fócio como anátema por influência de Adriano II, repudiando todas as suas ações enquanto Patriarca de Constantinopla (Ibid, p. 456).

Com o passar dos anos, as relações entre Fócio e Basílio I se estreitaram quando Fócio tornou-se tutor dos filhos do imperador. Assim, logo após a morte de Inácio em 877, Fócio retornou ao cargo de Patriarca de Constantinopla. Dvornik afirma que antes de morrer, Inácio fez um acordo secreto com o imperador Basílio I para que Fócio fosse indicado ao cargo de Patriarca de Constantinopla após sua morte. (Dvornik, 1948, p. 173). Essa decisão, no entanto, encontrou grande resistência do papa João VIII, o qual relutou em concordar com o retorno de Fócio. Foi somente após um concílio de 879-880 que houve uma reconciliação formal entre o Bispo de Roma e o Patriarca de Constantinopla (Ibid, p. 206-207).

De acordo com Hussey (1986, p. 86), Fócio serviu ao patriarcado por mais seis anos até que em 886, com a morte de Basílio I e a ascensão de Leão VI, o Sábio, ao poder, Fócio foi novamente destituído do cargo. Nessa ocasião, o novo imperador substituiu Fócio pelo seu próprio irmão, Estêvão I, que passou a ser o novo Patriarca. Depois disso, Fócio foi enviado a um monastério onde viveu até sua morte em 895 d.C. Lá, ele escreveu um de seus tratados mais famosos: *Sobre a Mistagogia do Espírito Santo*. Nesse tratado, Fócio esclarece as questões expostas no concílio de 867, consideradas heréticas pela igreja do ocidente.

II. OS ESBOÇOS DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA: TRADUÇÃO E ANÁLISE DO CÓDICE 109 DA BIBLIOTECA

2.1 Tradução do códice 109 da *Biblioteca*¹²

ρθ'

Ανεγνώσθη Κλήμεντος Ἀλεξανδρέως πρεσβυτέρου τεύχη βιβλίων τρία, ὧν τὸ μὲν ἐπιγραφὴν ἔλαχεν Ὑποτυπώσεις, τὸ δὲ Στρωματεύς, τὸ δὲ Παιδαγωγός.

Αἱ μὲν οὖν Ὑποτυπώσεις διαλαμβάνουσι περὶ ῥητῶν τινῶν τῆς τε παλαιᾶς καὶ νέας γραφῆς, ὧν καὶ κεφαλαιωδῶς ὡς δῆθεν ἐξήγησίν τε καὶ ἐρμηνείαν ποιεῖται.

Καὶ ἔν τισι μὲν αὐτῶν ὀρθῶς δοκεῖ λέγειν, ἔν τισι δὲ παντελῶς εἰς ἀσεβεῖς καὶ μυθώδεις λόγους ἐκφέρεται. Ὑλὴν τε γὰρ ἄχρονον καὶ ἰδέας ὡς ἀπὸ τινων ῥητῶν εἰσαγομένας δοξάζει, καὶ τὸν Υἱὸν εἰς κτίσμα κατὰγει. Ἔτι δὲ μετεμψυχώσεις καὶ πολλοὺς πρὸ τοῦ Ἀδάμκόσμους τερατεύεται· καὶ ἐκ τοῦ Ἀδάμ τὴν Εὐάν, οὐχ ὡς ὁ ἐκκλησιαστικὸς λόγος βούλεται, ἀλλ' αἰσχυρῶς τε καὶ ἀθέως ἀποφαίνεται· μίγνυσθαί τε τοὺς ἀγγέλους γυναιξὶ καὶ παιδοποιεῖν ἐξ αὐτῶν ὄνειροπολεῖ, καὶ μὴ σαρκωθῆναι τὸν λόγον ἀλλὰ δόξαι. Λόγους τε τοῦ πατρὸς δύο τερατολογῶν ἀπελέγχεται, ὧν τὸν ἥττονα τοῖς ἀνθρώποις ἐπιφανῆναι, μᾶλλον δὲ οὐδὲ ἐκεῖνον· φησὶ γάρ· «Λέγεται μὲν καὶ ὁ Υἱὸς λόγος, ὁμωνύμως τῷ πατρικῷ λόγῳ, ἀλλ' οὐ νυν οὗτός ἐστιν ὁ σὰρξ γενόμενος· οὐδὲ μὴν ὁ πατρῷος λόγος, ἀλλὰ δύναμις τις τοῦ θεοῦ οἷον ἀπόρροια τοῦ λόγου αὐτοῦ, νοῦς γενόμενος τὰς τῶν ἀνθρώπων καρδίας διαπεφοίτηκε».

Καὶ ταῦτα πάντα πειρᾶται ἀπὸ ῥητῶν τινῶν κατασκευάζειν τῆς γραφῆς, καὶ ἄλλα δὲ μυρία φλυαρεῖ καὶ βλασφημεῖ, εἴτε αὐτός, εἴτε τις ἕτερος τὸ αὐτοῦ πρόσωπον ὑποκριθεὶς. Ἐποιήθησαν δὲ αὐτῷ αἱ βλάσφημοι αὗται τερατολογίαι ἐν τόμοις ὀκτώ. Λέγει δὲ καὶ περὶ τῶν αὐτῶν πολλάκις, καὶ σποράδην καὶ συγκεχυμένως ὥσπερ ἔμπληκτος παράγει τὰ ῥητά.

Ὁ δὲ ὅλος σκοπὸς ὡσανεὶ ἐρμηνεῖαι τυγχάνουσι τῆς Γενέσεως, τῆς Ἐξόδου, τῶν Ψαλμῶν, τοῦ θείου Παύλου τῶν ἐπιστολῶν, καὶ τῶν καθολικῶν, καὶ τοῦ Ἐκκλησιαστοῦ. Μαθητῆς δέ, ὡς καὶ αὐτός φησι, γέγονε Πανταίνου· ἀλλὰ ταῦτα μὲν αἱ Ὑποτυπώσεις.

¹² O texto grego segue a edição de Nunzio Bianchi, publicado pela Edizioni Della Normale, em 2016.

[Códice] 109

Lido: de Clemente, presbítero de Alexandria, três volumes de livros, dos quais um recebeu o título *Esboços*, o outro *A Miscelânea* e o último, *O Pedagogo*.

Certamente, o livro *Esboços* trata de algumas passagens conhecidas tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, sobre as quais, ele supostamente realiza, de forma sumária, uma análise e uma interpretação.

E, em algumas dessas passagens, Clemente parece falar de forma correta, mas, em outras, ele se deixa levar completamente por discursos ímpios e fantasiosos. Pois ele pensa que tanto a matéria quanto as ideias, que são introduzidas a partir de certas passagens bíblicas, são eternas, e rebaixa o Filho a uma criatura. Clemente ainda fala de forma fantasiosa sobre transmigrações de almas e sobre vários mundos que precederam o de Adão. E quanto a Eva nascer de Adão, ele não proclama como quer o discurso eclesiástico, mas de maneira vergonhosa e ímpia. Também delirou sobre anjos que teriam se relacionado sexualmente com mulheres, gerando seus próprios filhos, e sobre o *Logos* não ter sido encarnado, ainda que assim o parecesse. E, fantasiando, ele reivindica dois *Logoi* ao Pai, dos quais o *Logos* inferior mostra-se aos homens, enquanto o superior não se mostra, pois Clemente diz: "O Filho é até chamado de *Logos*, homônimo ao *Logos* paterno, mas ele não se torna carne. Nem o *Logos* do Pai encarnou, mas um poder de Deus como uma emanção desse mesmo *Logos*, tornando-se *Nous*, se alastrou nos corações dos homens."

E Clemente tenta provar tudo isso a partir de algumas passagens das escrituras, mas diz uma miríade de frivolidades e blasfêmias, sejam elas dele mesmo, ou de algum outro que tenha se escondido atrás da sua máscara.¹³ E esses mesmos delírios blasfemos foram escritos em oito livros. Muitas vezes, ele repete os mesmos tópicos, tanto de forma aleatória quanto confusa, como um louco, desviando-se do caminho reto.

Seu objetivo geral é realizar supostas interpretações do que é relatado em *Gênesis*, no *Êxodo*, nos *Salmos*, nas epístolas de São Paulo, nas Epístolas Gerais, e em *Eclesiastes*. Clemente, como ele mesmo nos conta, foi discípulo de Panteno. Mas esses são os *Esboços*.

¹³ Outra possibilidade de tradução seria "mas diz uma miríade de frivolidades, sejam elas dele mesmo, ou de algum outro que tomou emprestado o seu nome" ou "através de algum outro que interpretou o seu papel".

2.2 Sobre a obra e seu desaparecimento

Como apresentado por Fócio, as obras de Clemente são formadas por uma trilogia, cujo primeiro título recebe o nome de *Esboços* (*Υποτυπώσεις*). Diz-se que esse primeiro escrito clementino é uma obra perdida, tendo em vista que dela só nos restam alguns fragmentos encontrados em outros autores.

Ao iniciar a leitura do códice 109 observa-se que, logo após fazer a introdução dos principais títulos da literatura clementina, Fócio dedica-se a comentar a leitura desta obra perdida. Portanto, trata-se de um singular desafio estudar e investigar este códice especificamente, já que não há como comparar a opinião de Fócio com o texto original escrito na íntegra pelo padre alexandrino.

Stählin (1970), ao reunir em estudo todos os fragmentos de Clemente, traz o trecho apresentado no códice 109 de Fócio, o qual é registrado como fragmento de número 23 por ele (Stählin, 1970, p. 202). Além disso, também reúne considerações sobre as *Hypotyposes* feitas por outros autores, como as que se apresentam a seguir e que foram retiradas da *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia. O levantamento de todos os fragmentos da obra, no entanto, está fora do escopo desta pesquisa.¹⁴

Nas *Hypotyposes* por ele elaboradas, relembra nominalmente Panteno, na qualidade de seu mestre (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* V, 11, 2).

Do mesmo número que os *Stromata* são os livros intitulados *Hypotyposes*, nos quais menciona nominalmente Panteno como seu mestre, e expõe a exegese das Escrituras e as tradições que dele recebeu (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* VI, 13, 3).

Em *Hypotyposes* ele faz, em suma, exposições resumidas dos Testamentos de toda a Escritura, sem omitir as partes controvertidas, isto é, a Carta de Judas e as outras cartas católicas, e a Carta de Barnabé e o Apocalipse, dito de Pedro. (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* VI, 14, 1).

Ao se estudar os escritos clementinos herdados do século dezenove, devemos levar em consideração as vertentes opostas de teorias elaboradas pelos eruditos alemães. Naturalmente, duas explicações diferentes surgiram sobre uma possível origem dos fragmentos da obra *Esboços*. De um lado os estudiosos Christian K.J. von Bunsen e Theodor

¹⁴ Para aprofundar os estudos dos fragmentos de Clemente, conferir STÄHLIN, *Stromata Buch VII und VIII, Excerpta Ex Theodoto, Eclogae Propheticae, Quis Dives Salvetur, Fragmente*. Berlin: Akademie-Verlag, 1970.

von Zahn e, de outro, Adolf von Harnack e Otto Stählin. Bunsen defendia que os *Esboços* eram partes extraídas dos escritos *Eclogae prophetiae* e *Excerpta ex Theodoto*, e Zahn defendia que os fragmentos poderiam ser, na verdade, excertos perdidos do oitavo livro da obra *Miscelânea (Stromata)*. Dessa forma, mesmo divergindo quanto às obras que deram origem aos escritos de *Esboços*, ambos pesquisadores concordaram que tal obra era oriunda de outra(s) e que as *Hypotyposes* teriam sido resultado de um processo de “mutilação e abreviação” ao longo dos séculos, restando-nos, assim, apenas alguns de seus fragmentos (Bucur, 2009, p. 315).

Harnack, por sua vez, rejeitou todas essas teorias e defendeu que a obra *Esboços* é, de fato, totalmente independente das demais. Ou seja, ele foi na direção contrária dos argumentos de Bunsen e Zahn. Ainda assim, a opinião dele representa uma vertente da erudição alemã que, segundo Bucur (2009), prevaleceu como a mais aceitável no que diz respeito aos estudos dos fragmentos de Clemente de Alexandria, endossada por Stählin ao publicar a primeira edição crítica desses fragmentos.¹⁵ Dessa forma, Harnack e Stählin foram guiados nos seus estudos pela forte convicção de que *Esboços* retratava um Clemente jovem e ainda inexperiente em relação aos seus conhecimentos filosóficos e doutrinários.

Assim, Harnack conclui que essa obra foi um dos primeiros escritos do padre alexandrino, o qual retrata um posicionamento religioso muito diferente do que ele apresenta nas demais obras, em que sua teologia se apresenta de forma mais madura, já que são desenvolvidas de forma ortodoxa (Bucur, 2009, p. 315-316).

Por outro lado, Harnack também afirmou que os fragmentos de *Esboços* poderiam ser partes de uma obra pela qual Clemente, supostamente, se dedicou durante toda a vida e que ficou inacabada em ocasião da sua morte ou da sua saída de Alexandria (Ibidem, p. 316). Logo, esta afirmação feita tardiamente por Harnack parece contradizer a ideia de que as doutrinas teológicas apresentadas nos *Esboços* seriam o reflexo de um Clemente imaturo e coloca, novamente, em dúvida a questão da cronologia de suas obras. À vista disso, as reivindicações feitas mais tarde por Bunsen e Zahan, e sucedidas por muitos estudiosos, passaram a ter mais crédito na sociedade acadêmica, de acordo com Bucur (2009, p. 316-317).

¹⁵ Stählin, ed, Clemens Alexandrinus I, GCS 17 (Hinrichs: Leipzig, 1905), xlii. Casey, “Introduction,” in *Excerpta ex Theodoto*, 4, 14.

A hipótese de que os fragmentos de *Esboços* seriam partes extraídas de outras obras ganhou mais força com a importante análise feita por Pierre Nautin do Codex Laurentianus (Codex Laur. V3 = L), o único manuscrito contendo o oitavo livro da *Miscelânea, Excerpta, and Eclogae*¹⁶.

[O] que está bem atestado nos tempos antigos, nomeadamente pelo papiro de Tura, é que por vezes os copistas, recusando-se a transcrever completamente o texto do seu modelo, apenas reproduziam excertos. Se procuramos uma explicação que não seja um trabalho de pura imaginação, mas que se baseie em exemplos precisos fornecidos pela história dos textos, é esta e nenhuma outra que devemos reter (Nautin, 1976, p. 282 apud Bucur, 2009, p. 317, tradução nossa).¹⁷

Nautin argumenta que os escritos que sucedem o sétimo livro da *Miscelânea*, dos quais supostamente teriam sido extraídos os fragmentos de *Esboços*, representam uma seleção de textos organizados por um escriba e não pelo próprio Clemente, já que essas obras não caberiam todas no mesmo códice. Tendo em vista que excertos de outras obras como *Contra Celso*, de Orígenes, encontrada no Codex de Tura, dão precedente para esse tipo de prática dos escribas, essa tese também ganhou credibilidade (Bucur, 2009, p. 317).

Bucur (2009) também explica que, infelizmente, não há muitas pesquisas aprofundadas em torno das obras deixadas de fora do cânone clementino devido ao seu caráter fragmentado e às passagens polêmicas contidas em *Eclogae, Excerpta e Esboços*. Por isso, ele costuma se referir ao padre, na época em que escreveu essas obras, como o “o outro Clemente”. Apesar dessa polêmica, o autor acrescenta que se a investigação desse *corpus* for levada adiante, será um feito de grande valia para os estudos históricos e teológicos, como mostra a passagem a seguir:

De minha parte, já mostrei em outra ocasião que um estudo específico de passagens específicas desses escritos pode ser muito frutífero tanto para a nossa compreensão de Clemente - especialmente da sua visão cosmológica, angelológica e pneumológica - e para um mapeamento mais preciso das várias

¹⁶ Pierre Nautin, “La fin des Stromates et les Hypotyposes de Clément d’Alexandrie,” VC 30 (1976): 268–302, esp. 297–98.

¹⁷ [C]e qui est bien attesté à l’époque ancienne, notamment par le papyrus de Tura, c’est que parfois des copistes, renonçant à transcrire intégralement le texte de leur modèle, n’en ont reproduit que des extraits. Si nous cherchons une explication qui ne soit pas œuvre de pure imagination, mais qui repose sur des exemples précis fournis par l’histoire des textes, c’est celle-là et nulle autre que nous devenons retenir (Nautin, Pierre, 1976, p. 282).

tradições exegéticas e doutrinárias do cristinismo primitivo (Bucur, 2009, p. 318, tradução nossa).¹⁸

Como abordado anteriormente, a obra *Esboços* é colocada em evidência quando se trata da suposta estrutura hierárquica sob a qual a *corpus* clementino teria sido arquitetado desde o princípio, com a finalidade de preparar os leitores para o cumprimento de um “currículo mistagógico”. A depender de quem se debruça sobre as pesquisas em torno da origem dessa obra, ela pode tanto ser entendida como um ponto de partida da teologia de Clemente, como sugeriu Harnack - nesse caso, tendo sido escrita ainda no início da escola de Alexandria, sob grande influência do seu mestre Panteno - mas, por vezes, também pode ser considerada o ponto culminante da teologia clementina, como defendeu Méhat¹⁹, levando-nos a pensar que pudesse ter sido deixada inacabada em ocasião da morte do autor.

Apesar disso, a importância dessa obra perdida vai além do lugar onde ela se encaixa na cronologia pedagógica da obra clementina. Até então, sabemos por Stählin (1970) que há 24 fragmentos de *Esboços*, essenciais para a investigação dessa obra rara que se perdeu. Sabemos, através dessa edição, que o maior fragmento de *Esboços* é o de número 24, escrito em língua latina e preservado por Cassiodorus sob o título de “Adumbrationes in epistulas canonicas”²⁰. Nosso foco neste trabalho, no entanto, será sobre o fragmento de número 23, preservado em língua grega e apresentado no códice 109 por Fócio.

2.3 Polêmicas observadas no códice 109

O códice 109 é o primeiro dos três códices da Biblioteca em que Fócio comenta e analisa as principais obras de Clemente. Tratando especificamente da obra *Esboços*, Fócio usa esse primeiro códice para fazer um juízo de valor a respeito das interpretações das escrituras

¹⁸ For my part, I have already shown elsewhere that a study of specific passages in these writings can be very fruitful both for our understanding of Clement - especially of his cosmological, angelological, and pneumatological views—and for a more accurate mapping of the various exegetical and doctrinal traditions of early Christianity (Bucur, 2009, p. 318).

¹⁹ André Méhat, *Étude sur les “Stromates” de Clément d’Alexandrie*, *Patristica Sorbonensia* 7 (Paris: Seuil, 1966), 517–22, 530–33.

²⁰ O texto do fragmento latino advém de 3 manuscritos independentes: o códice Laudun. 96, do séc. IX; o Berol. Phill. 1665 (atualmente n. 45), do séc. XIII, e o Vatic. lat. 6154, do séc. XVI.

sagradas feitas por Clemente, sobretudo em relação às questões encontradas em Gênesis e à doutrina do *Logos*.

Em meio às várias acusações de blasfêmia que Fócio faz sobre o conteúdo dos *Esboços*, ele acusa Clemente de repetir sempre os mesmos tópicos, “de forma aleatória (σποράδην) e confusa (συγκεχυμένως)”, “como um louco” (ὡσπερ ἔμπληκτος). Fócio ainda afirma que ao escrever essa obra o padre estaria “se desviando do caminho reto” (παράγει τὰ ῥητά). Mas além de fazer essas duras críticas, Fócio apresenta indícios de uma interpretação alegórica das Escrituras feitas por Clemente que, supostamente, poderiam ter sido influenciadas pelas doutrinas teológicas vigentes no final do século primeiro. Ao todo, são oito livros nos quais Clemente realiza uma interpretação bíblica bastante controversa, como veremos adiante, e que se assemelham muito às heresias da igreja primitiva. Fócio, no entanto, não se aprofunda muito nas temáticas abordadas e nem faz citações muito longas, apenas comenta que Clemente faz referência em sua obra a passagens tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

Entre as polêmicas observadas na tradução do códice 109, listamos as sete questões que nos chamam a atenção. Infelizmente, algumas delas Fócio se restringe a comentar muito brevemente, de forma que não nos permite explorar de forma aprofundada quais são as doutrinas filosóficas por trás da escolha delas, já outras parecem ter sua origem bastante evidente. São elas: 1- A eternidade da matéria e das ideias; 2- A metempsicose ou transmigração de almas; 3- A teoria de que há um mundo pré-existente ao de Adão; 4- Uma outra explicação para o nascimento de Eva; 5- Um episódio em que anjos tiveram relações sexuais com mulheres; 6- Afirmação sobre a existência de dois *Logoi*; 7- Afirmação de que o segundo *Logos* não encarnou de fato na terra, mas apenas “pareceu ter encarnado”, pois uma emanção do seu espírito “se alastrou nos corações dos homens”.

De acordo com González, “por volta do século 2º, alguns dos autores cristãos tomaram para si a tarefa de defender sua fé em face das acusações que davam ensejo às perseguições” (González, 2004, p. 95). Sabe-se que, devido ao conhecimento de literatura e cultura clássica, bem como da filosofia, a maioria dos autores cristãos em questão eram gregos e ficaram conhecidos, portanto, como os “apologistas gregos”. As acusações voltadas aos cristãos durante o início do segundo século vão desde opiniões populares em relação aos seus costumes e modo de vida até a acusações de cunho mais ideológico, que julgavam a validade de suas crenças. Essas últimas são as que ganharam especial destaque e atenção dos

filósofos apologistas, os quais dedicaram tempo a escrever tratados em resposta aos que os atacavam.

Diferentemente dos pais apostólicos do primeiro século, os apologistas gregos se viram impelidos a lidar com o fator cultural no qual estavam inseridos. Logo, este embate entre o Cristianismo e a cultura clássica gerou tensões que, mais tarde, se desdobraram nas doutrinas heréticas combatidas por outros apologistas cristãos. A respeito desses escritores, González explica que “alguns querem dar validade à parcela da verdade que, na sua opinião, pode ser encontrada na filosofia pagã, enquanto outros não vêem nenhum outro relacionamento possível entre o Cristianismo e o helenismo senão uma guerra” (González, 2004, p. 115).

Nesse cenário de tensões e contradições em que se encontrava a igreja primitiva surgiu a Escola de Alexandria na metade do segundo século, tendo, provavelmente, como um de seus fundadores, Panteno, mestre de Clemente e Orígenes. Servindo como um “caldeirão fervente com diversos ensinamentos de natureza eclética” (Ibidem, p.184), a Escola de Alexandria foi expoente entre aquelas que se dedicavam aos estudos teológicos no mediterrâneo e que se uniram no propósito de responder às heresias que circulavam na região.

Frangiotti, ao discorrer sobre os cristãos influenciados pelas mais diversas correntes de pensamento vigentes nessa época, explica que muitos deles ficaram vislumbrados com os diversos tratados cosmológicos e seitas que despontavam em meio aos evangelhos, cartas apostólicas, salmos e hinos. Ele afirma que os cristãos do segundo século “foram absorvendo cada vez mais os elementos da vida pagã, das categorias filosóficas, especialmente estoicas e neoplatônicas, estranhas às categorias da revelação bíblica” (Frangiotti, 1995, p. 40). O historiador também nos relata que Irineu de Lião e Epifânio contam 32 heresias no período deste século. (Idem, p. 40).

Com relação às ideias polêmicas que Clemente de Alexandria apresenta na obra *Esboços*, encontradas no códice 109 da *Biblioteca*, há algumas que apontam para uma possível influência da filosofia grega, assim como nos tratados de Justino Mártir: quando Fócio comenta que Clemente menciona a eternidade da matéria (ὕλη) e das ideias (ιδέα), a teoria da transmigração de almas ou metempsicose - indicando uma crença na imortalidade da alma, como proposto pelos pitagóricos e também por Platão, e a afirmação de Clemente sobre a existência de dois *Logoi*.

Efetivamente, essas questões parecem ter ligação com uma corrente de pensamento que começou a despontar já pelo final do século I entre os cristãos na Ásia Menor, a qual os heresiólogos chamam de “Gnosticismo”. A respeito disso, Frangiotti afirma que “os Padres ortodoxos da igreja antiga afirmam que viam no gnosticismo a heresia mais ameaçadora para o cristianismo” (Frangiotti, 1995, p. 31), tendo em vista que “os gnósticos poderiam lançar mão de qualquer doutrina que achassem valiosa, sem qualquer preocupação com respeito à sua origem ou ao contexto do qual fora tomada” (González, 2004, p. 124).

A ameaça aos cristãos descrita por Frangiotti (1995) também deveria ser provocada pelo fato de que os gnósticos “julgavam terem atingido um estágio superior de conhecimento, mais elevado que o comum dos fiéis” (Frangiotti, 1995, p. 27), misturando o Cristianismo com elementos de uma cultura esotérica e criando, assim, a crença de que somente os conhecedores da verdadeira “gnose” estariam aptos a alcançar a salvação. Essa interpretação é sustentada pela ideia de que o Gnosticismo, assim como o Cristianismo ortodoxo, tornou-se atraente para os povos que circulavam em Alexandria devido ao seu interesse soteriológico, como nos aponta González:

O cosmopolitismo que acompanhou as conquistas de Alexandre tinha sua contraparte no individualismo das pessoas. Acreditava-se que as antigas religiões nacionais não eram mais capazes de satisfazer as necessidades do indivíduo. Por esta razão, os séculos nos quais o Cristianismo começou a conquistar seu espaço no mundo foram caracterizados por uma procura pela salvação individual; conseqüentemente, nesse tempo, houve um crescimento daquelas religiões que proclamavam oferecê-la - e além do Cristianismo, assim faziam as religiões de mistério e o gnosticismo (González, 2004, p. 126).

Uma vez que o Gnosticismo pode ser entendido como uma doutrina para a salvação, deve-se compreender que diferentemente do Cristianismo, os gnósticos viam o corpo e a alma humanas como elementos que representavam a matéria. Sendo a matéria perecível e portanto, inferior, ela servia como uma prisão para o espírito. Por conseguinte, a porção eterna deveria ser libertada, já que ela carrega a verdadeira essência do ser humano, o seu espírito. Para os gnósticos, essa libertação - ou salvação - só deve ser alcançada através do conhecimento da “gnose”, o qual não poderia ser adquirido pelo intelecto, mas somente pela “revelação mística resultante de uma iluminação do eterno” (Ibidem, p. 126).

Se nos debruçarmos sobre as raízes históricas das discussões levantadas por Fócio no códice 109, podemos verificar que uma das mais antigas e conhecidas é aquela que gira em torno da palavra grega *Logos*. É fato que muito antes de Justino Mártir, já havia entre os gregos polêmicas em relação a esse conceito, tendo em vista que as doutrinas desenvolvidas para explicar esse termo já possuíam uma longa história dentro da tradição helenística. A respeito disso, González (2004) afirma que “na tradição judaico-cristã, Filo de Alexandria já tinha introduzido o conceito helenístico do logos, e o Quarto Evangelho já tinha usado o mesmo termo para entender a natureza divina e preexistente do salvador” (González, 2004, p. 101).

Portanto, quando Clemente afirma que “o Filho é até chamado de *Logos*, homônimo ao *Logos* paterno”, no fragmento do códice 109, é evidente que tanto Pai quanto Filho participam dessa porção divina que estava presente no momento da criação - a Palavra, o Verbo. Essa ideia também é sustentada quando Fócio explica que Clemente “reivindica dois *Logoi* ao Pai, dos quais o *Logos* inferior mostra-se aos homens, enquanto o superior não se mostra”.

Tendo como referência o conceito de *Logos* adotado por Justino Mártir, o qual parece ter exercido grande influência sobre Clemente de Alexandria, é possível entender a influência do médio-platonismo nesse contexto. Justino entendia que, sendo Deus, o Pai, totalmente transcendente, precisou criar um intermediário entre ele e a criação, que seria o *Logos*. “De acordo com Goodenough, o pensamento hebreu concebe a transcendência em termos de distância espacial, enquanto que o pensamento grego o concebe em termos de imutabilidade. Justino combina ambas as tendências” (Goodenough apud González, 2004, p. 104).

No códice 109 da *Biblioteca*, vimos um trecho que corrobora com a teoria de que nos *Esboços*, Clemente se utiliza de uma bagagem gnóstica para interpretar as escrituras, já que faz uma clara distinção entre o que é etéreo e superior - o *Logos* paterno - e o que é concreto e inferior - o *Logos* do Filho. Vale ressaltar que, mesmo negando a encarnação do Filho, só o fato de admitir que ele teria tido contato com os homens através de um poder divino (*δύναμις*) ou de uma Inteligência (*Nous*) o coloca mais próximo à terra e a uma noção de concretude do que o *Logos* que é preservado com o Pai como ideia.

Nos apologistas já se pode ver a diversidade de pensamento entre Justino - que afirma que a Palavra é um “outro Deus”-, e Melito, que tende a identificar o Filho com o Pai. Em algum

lugar entre eles está Teófilo, que faz distinção entre uma palavra interior, que existe eternamente na mente do Pai, e uma palavra falada ou expressa, que é o agente criador que mais tarde se tornará encarnada em Jesus Cristo (González, 2004, p. 116).

O desenvolvimento da doutrina do *Logos* é um exemplo claro de como os pensadores cristãos contribuíram para uma progressiva helenização do cristianismo. No entanto, por mais que esses filósofos gregos tivessem o intento de interpretar a relação que existia entre o cristianismo e a cultura, eles acabaram abrindo espaço para uma série de controvérsias teológicas que acompanharam a Igreja nos séculos posteriores, as famosas heresias.

É importante pensar que a origem dessas doutrinas não reside somente no fato dos novos convertidos pertencerem a múltiplos contextos culturais ou somente por serem provenientes das mais diversas religiões. González (2004) afirma que “aqueles que vieram a ser considerados hereges não trabalharam fora da comunidade cristã - tais pessoas se consideravam cristãos fiéis, que tentavam explicar o cristianismo de uma forma que seus contemporâneos pudessem entendê-lo” (Ibidem, p. 119). Mas, de acordo com o que estudamos sobre os primeiros apologistas, podemos dizer que essas novas explicações teológicas iam além de fazer com que os gregos, simplesmente, entendessem o evangelho. Elas tinham como objetivo convencê-los da verdade, aproximando o evangelho aos elementos da sua própria cultura. Dessa forma, era importante para padres gregos apresentar o cristianismo helenizado, de forma que ele se tornasse mais palatável para os gregos pagãos, aumentando assim, a chance de exortá-los ao conhecimento da sua fé.

Ao lado do Gnosticismo, havia no final do primeiro século outra heresia que também parece estar presente nos relatos dos *Esboços*, quando Fócio comenta sobre Clemente dizer que “o *Logos* não encarnou, ainda que assim o parecesse”. Em grego, o verbo $\delta\omicron\kappa\acute{\epsilon}\omega$ (*dokéo*) significa “parecer” e $\delta\acute{\omicron}\kappa\eta\sigma\iota\varsigma$ (*dókesis*) significa “aparência”. São essas palavras que dão origem ao nome da tendência em questão, chamada “docetismo”. O que essa heresia pregava era basicamente a negação da corporeidade da pessoa de Jesus. Assim como no gnosticismo, sua característica principal é o menosprezo da matéria. Dessa forma, para os docetistas era impossível conceber a encarnação de Deus na matéria. Frangiotti (1995) explica que ao mesmo tempo em que não negam o pensamento de que o *Logos* se revelou aos homens como um Deus-Filho, eles acreditavam que o seu corpo humano era somente “aparente, como um fantasma” (Frangiotti, 1995, p. 28).

Pretendiam assim, marcar o caráter divino, celeste do Filho de Deus: Jesus é para eles, o homem celeste. Que o Filho de Deus tenha-se feito carne, homem em tudo semelhante a nós, tenha sofrido, morrido na cruz, é loucura e absurdo. Assim os docetistas esvaziavam a realidade histórica de Jesus. Para estes cristãos helenistas gnósticos, de fato, o anúncio de um Deus feito homem, crucificado, era extremamente escandaloso. Era-lhes simplesmente absurdo pensar e admitir que Deus tivesse a mesma sorte que os homens tornando-se semelhante a nós (Ibidem, p. 28).

Frangiotti (1995) ilustra como essas tendências já estavam presentes nas comunidades cristãs muito antes dos apologistas gregos, ainda na época dos apóstolos, ao citar uma passagem de 1 Coríntios 1, 20-27, que diz “(...) os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos...” (Ibidem, p. 28). Além disso, também mostra a situação de conflito nas comunidades joaninas, para quem o apóstolo João dirigiu as suas cartas. Sobre esse cenário, Pablo Richard afirma que “na comunidade e na tradição do discípulo amado nasceu uma tendência helenizante e (pré)gnóstica, que fez uma interpretação espiritualista do evangelho (...) Esta chegará a ser a interpretação dominante do século II” (P. Richard apud Frangiotti, 1995, p. 29).

De acordo com os comentários de Fócio a respeito do discurso feito por Clemente de Alexandria nos *Esboços*, é possível identificar alguns indícios que, de fato, apontam para uma interpretação espiritualista do evangelho, como sugere Frangiotti. O primeiro deles seria a negação da corporeidade de Jesus, mas Clemente também aborda a questão da metempsicose ou “transmigração de almas”. Tendo em vista que “os gnósticos rejeitavam a ressurreição e preferiam falar da imortalidade do espírito humano” (González, 2004, p. 151), é provável que a escolha desse tema polêmico não tenha sido em vão e revele mais um vestígio da influência das doutrinas gnósticas sobre a teologia de Clemente de Alexandria ou, pelo menos, sobre essa obra perdida supostamente escrita por ele.

2.4 Recepção de Fócio e questionamentos de cunho autoral

É importante lembrar que a leitura da obra *Esboços* feita por Fócio foi realizada no século nono. Isso quer dizer que existe uma distância temporal bastante significativa entre o tempo em que a obra foi originalmente escrita e o tempo em que ela foi lida e comentada pelo Patriarca de Constantinopla. Dessa forma, a recepção que Fócio faz dessa obra no

período bizantino reflete o olhar dos guardiães da ortodoxia. Esse olhar, por sua vez, era bastante diferente da teologia que ainda despontava na Escola de Alexandria e que reflete a pluralidade de crenças da igreja primitiva.

De acordo com análise feita por Bucur (2009), o elemento fatal para os *Esboços* terem sido julgados como heréticos pelos ortodoxos foi, sem dúvida, a associação de Clemente a Orígenes e, posteriormente, ao origenismo. E se refere a Rufino²¹ como o responsável por fazer essa associação: “Na defesa de Orígenes da acusação de ocasionalmente chamar o Filho de criatura, Rufino argumentou que declarações semelhantes ocorrem em alguns escritos de Clemente” (Bucur, 2009, pp. 332-333, tradução nossa).²²

Durante o reinado do imperador bizantino Miguel III, George Hamartolo, um monge de Constantinopla, escreveu, por volta de 850, que “Deus lhe revelou a verdade sobre este Pai da Igreja: Clemente foi um Origenista!”²³ (Ibidem. p. 333, tradução nossa).²⁴ Porém a mais notória e significativa influência sobre a crítica ortodoxa foi a crítica severa feita por Fócio. De acordo com as pesquisas feitas por Bucur, os estudiosos que se debruçaram sobre as polêmicas do fragmento 23 concluíram que “o atribulado Patriarca julgou o trabalho à luz de uma ortodoxia martelada em bigornas anti-Origenistas e anti-Arianas” (Wagner apud Bucur, 2009, pp. 333-334, tradução nossa).²⁵ Ele ainda acrescenta que os estudos de Knauber, Osborn e Edwards apontam que as acusações de Fócio são infundadas, baseadas em interpretações errôneas do texto (Ibidem, p. 334).

Por outro lado, a questão torna-se mais complicada tendo em vista que a autenticidade clementina do texto citado por Fócio ainda está aberta ao debate. Esse questionamento sobre a verdadeira autoria dos *Esboços* está evidente no códice 109 quando Fócio comenta que Clemente “diz uma miríade de frivolidades e blasfêmias, sejam elas dele mesmo, ou de algum outro que tenha se escondido atrás da sua máscara” (μυρία φλωαρεῖ καὶ

²¹ Trata-se de Rufino de Aquileia (ca. 340 - 410), historiador, monge e teólogo. Ficou mais conhecido por traduzir os trabalhos em grego dos Padres da Igreja para o latim, especialmente, a obra de Orígenes.

²² “In defending Origen of the charge of occasionally calling the Son a creature, Rufinus argued that similar statements occur in some Clementine writings” (Bucur, 2009, pp. 332-333).

²³ Georgius Monachus (Hamartolos), *Chronicon Breve* 26 (PG 110:84): Κλήμης δὲ ὁ Στρωματεὺς, Ὀριγενιαστὴς ὢν, ὡς τιμὴ τῶν Πατέρων ἀπεκαλύφθη.

²⁴ “God had revealed the truth about Clement to one of the fathers: Clement had been an “Origenist!”” (Bucur, 2009, p. 333).

²⁵ “the embattled patriarch judged the work in the light of an orthodoxy hammered out on anti-Origenist and anti-Arian anvils” (Wagner apud Bucur, 2009, pp. 333-334).

βλασφημεῖ, εἴτε αὐτός, εἴτε τις ἕτερος τὸ αὐτοῦ πρόσωπον ὑποκριθεῖς). Nesse trecho, é interessante observar a inteligente escolha de palavras usada por Fócio: “ὑποκριθεῖς” é o verbo que pode significar “interpretar um papel”, pois está ligado ao substantivo ὑποκριτής, que quer dizer “ator de teatro”. E a palavra πρόσωπον pode ser traduzida como “personagem” ou “máscara”. Dessa forma, parece que, se comparada à leitura dos demais livros de Clemente, essa, em especial, desagradou o Patriarca de Constantinopla a ponto de fazê-lo duvidar que foi realmente o apologista grego discípulo de Panteno que tenha escrito essa obra.

Sendo assim, ao refletir sobre o que levou Clemente de Alexandria a expor doutrinas tão controversas sobre as sagradas escrituras, nos deparamos com algumas possibilidades de interpretação sobre o texto clementino: 1- Clemente, realmente, defendeu a veracidade dessas questões polêmicas apresentadas nos *Esboços*, baseado em suas crenças pessoais no momento em que as escreveu; 2- As polêmicas apresentadas nos *Esboços* são apenas exposições das correntes de pensamento que circulavam em Alexandria, mas não refletem as convicções pessoais de Clemente; 3- O verdadeiro autor dos *Esboços* não é Clemente de Alexandria, como desconfiou Fócio, mas um pseudo-Clemente.

Como não há material de pesquisa que possa responder essa incógnita, nos concentramos apenas em apresentá-la, a fim de esclarecer o porquê desse questionamento de cunho autoral ser tão significativo para a história da obra perdida de Clemente. Conforme conclui Bucur pela avaliação dos fragmentos dos *Esboços*, pode-se dizer que o intento de Clemente de Alexandria nessa obra é iniciar seus estudantes no mais alto grau de conhecimento da “gnosis”, ou seja, da “verdade”, tendo em vista a forte influência do gnosticismo sobre as interpretações das escrituras apresentadas por ele. É por essa razão que o valor da hierarquia das obras clementinas para Fócio é totalmente invertido em relação ao que pensam os antigos estudiosos da história da igreja, como Eusébio e Cassiodoro pois para ele “o cume da teologia se torna o abismo da heresia” (Bucur, 2009, p. 334, tradução nossa).²⁶

Isto posto, torna-se mais compreensível a razão pela qual Fócio classifica os discursos lidos em *Esboços* como ímpios e fantasiosos. Pois, de acordo com o códice 109 da *Biblioteca*, Clemente de Alexandria, sendo um apologista grego, mais parece interpretar as escrituras com base nas doutrinas heréticas vigentes na época, endossando suas ideias, do que cumprir o seu propósito de combater tais heresias. E é justamente essa a opinião que Fócio parece ter, de acordo com a sua leitura da obra perdida.

²⁶“the summit of theology becomes the abyss of heresy” (Bucur, 2009, p. 334).

III. O PEDAGOGO DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA: TRADUÇÃO E ANÁLISE DO CÓDICE 110 DA BIBLIOTECA

3.1 Tradução do códice 110 da *Biblioteca*²⁷

ρι'

Ὁ δὲ Παιδαγωγὸς ἐν τρισὶ τόμοις ἐστὶν αὐτῷ διαπεπονημένος, ἥθους καὶ βίου κατορθωτικός. Ἔχει δὲ τούτων καὶ προηγούμενον καὶ συνταττόμενον λόγον ἕτερον, ἐν ᾧ τὴν Ἑλλήνων διελέγχει ἀθεότητα. Οὐδὲν δὲ ὅμοιον ἔχουσι πρὸς τὰς Ὑποτυώσεις οὗτοι οἱ λόγοι· τῶν τε γὰρ ματαίων καὶ βλασφημῶν ἀπηλλαγμένοι δοξῶν καθεστήκασι, καὶ ἡ φράσις ἀνθηρὰ καὶ εἰς ὄγκον ἡρμένη σύμμετρον μετὰ τοῦ ἠδέος, καὶ ἡ πολυμάθεια ἐμπρέπουσα. Μνημονεύει δὲ πρὸς τῷ τέλει καὶ περὶ εἰκόνων.

[Códice] 110

O Pedagogo foi elaborado [por Clemente] em três livros, visando conduzir à retidão de comportamento e de modo de vida. Tal obra contém também outro livro, introdutório e complementar a esses, em que o autor critica a impiedade²⁸ dos helenos. Esses livros nada têm em comum com os *Esboços*, pois apresentam-se livres tanto de opiniões vazias como blasfemas, e o estilo é floreado assim como elevado a uma sublime medida, com deleite, além de sua erudição ser notável. E menciona, ao final, também os assuntos sobre as imagens.

3.2 Descrição da obra e seu lugar na trilogia clementina

Dando continuidade à sequência dos códices que comentam a trilogia das obras de Clemente - *Esboços*, *O Pedagogo* e *Miscelânea*, Fócio começa o códex 110 falando, especificamente, do *Pedagogo*. Mas, curiosamente, ele usa uma estrutura de escrita diferente da que é encontrada na maioria dos códices da *Biblioteca*, pois no início deste códice não encontramos o termo Ἀνεγνώσθη, o qual convencionamos no Projeto Fócio por traduzir sempre como “lido”, conforme visto na tradução do códice 109.

Para analisar esta obra, deve-se antes de tudo compreender de quem se trata a figura do pedagogo na antiguidade. Pela etimologia da palavra, é possível inferir que ela

²⁷ O texto grego segue a edição de Nunzio Bianchi, publicado pela Edizioni Della Normale, em 2019.

²⁸ O vocábulo ἀθεότητα também pode ser traduzido como “ateísmo”, pois os helenos não acreditavam no Deus que os cristãos consideravam ser o único verdadeiro.

surgiu a partir da junção de *παῖς* (jovem escravo) e *ἀγῶ* (conduzir). Assim, entende-se que os gregos antigos, a princípio, denominaram como pedagogo (*παιδαγωγός*) um escravo responsável por conduzir as crianças até a escola. Segundo Tereza Barbosa, esse escravo era encarregado de “acompanhar a criança sempre para resguardá-la de quaisquer danos físicos ou morais” (Barbosa, 2012, p. 110).

Mais tarde, o termo pedagogo foi apropriado pelos gregos e associado à *παιδεία* (*paidéia*) para designar educação. Dessa forma, o pedagogo passou a ser conhecido como um educador, responsável por conduzir intelectualmente os estudantes à tradição clássica e à elevação de espírito preconizada pela cultura grega. Porém, a *paidéia* grega é mais do que isso, já que, conforme defendeu Jaeger Werner, ela extrapola o que entendemos hoje como educação, pois fala da “formação do homem grego tanto no seu caráter particular quanto no seu desenvolvimento histórico” (Werner, 1995, p. 7).

Os sofistas foram considerados os fundadores da ciência da educação. Com efeito, estabeleceram os fundamentos da pedagogia, e ainda hoje a formação intelectual trilha, em grande parte, os mesmos caminhos. Mas ainda agora está por resolver a questão de saber se a pedagogia é uma ciência ou uma arte; e não foi ciência, mas sim *techne* que os sofistas chamaram à sua teoria e arte da educação (Werner, 1995, p. 349).

Werner afirma que com o advento do cristianismo no período final da antiguidade, a luta da educação e da cultura para fazer reconhecer a religião e a filosofia atinge seu ponto culminante na história universal (Ibidem, p. 352). Portanto, observa-se que sua conclusão sobre a *paidéia* grega é que ela se trata, em resumo, de uma educação “universal” e que o pedagogo, por sua vez, é aquele que domina a *téchne* capaz de conduzir o homem a uma manifestação do esforço constante da poesia e do pensamento grego.

Já *O Pedagogo* de Clemente está associado ao *Logos* divino, uma vez que é usado para exprimir o caráter educativo do Deus-Filho que se mostra aos homens como um mestre. Ele ganha, portanto, uma nova concepção a partir do cristianismo primitivo helenizado, conforme o filósofo de Alexandria desenvolve em sua teologia: o Pedagogo deve nos conduzir a uma “instrução perpétua, para nos fazer aprender a levar uma vida correta, inspirando-nos a desejar ardentemente o fim último do homem”²⁹ (Clemente de Alexandria, *Pedagogo*, I 1,1,4) . À vista disso, é dito pelo padre alexandrino no primeiro livro do

²⁹ Tradução de Iara Faria & José Eduardo Carneiro.

Pedagogo que existem três coisas a serem regradas no homem: os hábitos, as ações e as paixões. O Pedagogo é aquele que, através da exortação, dos preceitos e das consolações, guia o homem ao conhecimento da verdade e à santificação.

Assim sendo, Barbosa esclarece a inovação de Clemente de Alexandria nesta obra ao mostrar o *Logos* não somente como Palavra Divina, mas como uma alegoria que o coloca na centralidade da figura de professor, ou seja, como um exemplo de mestre, de um “ideal” a ser seguido. Nesse sentido, ele também se apresenta como um ator, um intérprete (ὕποκριτής), “um agente a quem cumpre desempenhar um papel fazendo-se imagem (espetáculo) que ensina” (Barbosa, 2012, p. 99).

Nesse viés, o pedagogo é ator e mediador entre uma fonte qualquer de saber e um público espectador-ouvinte. Esse salto não é despropositado. O papel de professor como o sujeito de uma representação dramática para um grupo social fechado está presente no tratado **Protréptico**³⁰, quando o alexandrino retoma a metáfora, já então muito antiga, do grande *theatrum mundi* (Barbosa, 2012, pp. 99-100).

Clemente expõe, em seu primeiro livro, que o ofício do Pedagogo é atuar como conselheiro, oferecendo ajuda aos “puros de coração” (*Salmos* 73, 1)³¹, a fim de ajudá-los a introduzir-se na fé, mas também como médico, prescrevendo remédios contra as paixões, ou seja, indicando preceitos que levam o homem a se afastar do pecado. Por fim, o Pedagogo ainda pode assumir o papel de consolador, o qual presta ajuda no processo de penitência que leva à santificação.

Afora o livro I, centrado na exaltação da figura do Cristo, o tratado do alexandrino é, de fato, um detalhado manual de moral prática aplicado à vida diária e com deliciosas revelações acerca do cotidiano de Alexandria no que diz respeito à culinária preferida, à etiqueta simposiástica, ao luxo do vasilhame e do mobiliário, ao vestuário requintado, à perfumaria, às práticas sexuais, aos banhos públicos, etc. Nessa prática ordinária, Clemente realça o aflorar de paixões que, de acordo com ele e tantos outros filósofos, são funestas (Barbosa, 2012, pp. 101-102).

Como afirma Rita Codá dos Santos, Clemente foi um erudito filho do seu tempo, profundamente marcado pela Segunda Sofística e pelo advento da *mimesis rhetoriké* ou

³⁰ Clemente de Alexandria, *Exortação aos Gregos*, I, 1, 3.

³¹ “De fato, Deus é bom para Israel, para os de coração puro” *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2002.

cultura literária. Portanto, utilizando a sua capacidade retórica à serviço da apologética cristã, Clemente, assim como seus contemporâneos que defendiam o diálogo fé-razão, propaga que “o discurso é para a alma o que o *phármakon* é para o corpo” (Codá, 2006, p. 39). Dessa maneira, fica clara a necessidade de apresentar o *Logos* divino não somente como um salvador, mas como um professor capaz de unir, de forma lógica, toda a cultura clássica aos preceitos cristãos a fim de convencer esse público-alvo tanto da autenticidade do seu discurso quanto da eficácia da sua fé.

Considerando o “currículo mistagógico”, assim nomeado por Bucur (2009), no qual *O Pedagogo* está inserido, vale ressaltar que os escritos de Clemente foram fortemente influenciados pela tradição oral herdada dos seus mestres. “Essa questão foi levantada com força por Friedrich Quatember³², quem observou que os textos de Clemente não falam de um professor humano: em vez disso, é antes o *Logos* divino que, exorta, educa e ensina” (Bucur, 2009, p. 321, tradução nossa).³³ Sendo assim, é possível compreender que para convencer seus leitores da pedagogia que constitui o *Logos* divino, o próprio padre alexandrino se apresenta como um professor que busca defender o seu ponto de vista de forma didática.

Muitos, mediante enigmas, e muitos, valendo-se de parábolas, podem, em determinados momentos, ser de grande utilidade para quem os lê. Mas não é minha incumbência, diz o Pedagogo, ensinar estas coisas. Para a exegese destes santos ensinamentos necessitamos da ajuda de um professor a quem dirigir nossos passos. Sim, chegou o momento de que eu pare meu ofício de pedagogo e que vós escuteis o Mestre (Clemente de Alexandria, *O Pedagogo* III, 12, 97).³⁴

A respeito do papel que *O Pedagogo* exerce dentro da trilogia clementina, Bucur ressalta que ele foi o grande responsável por fazer a fusão do conceito de ἐποπτεία (iniciação aos mistérios), associado ao conhecimento da “verdadeira gnose”, com o conceito de δευθέρωσεις (repetição da Lei), conhecido pelos judeus (Bucur, op. cit., p. 330). Isso se deve, claro, ao fato de que a educação dos cristãos só pode ser realizada após estes terem sido exortados ao reconhecimento do *Logos* como o único Deus verdadeiro. Não obstante esse diálogo seja mais associado à apologia de Orígenes, é razoável colocar Clemente à frente dessa conquista, considerando que sua vasta erudição permitiu a ele se apropriar de elementos

³² Quatember, Die christliche Lebenshaltung des Klemens nach seinem Pädagogus (Vienna: Herder, 1946), 34, 36.

³³ “This question was raised forcefully by Friedrich Quatember, who observed that Clement’s text does not speak about a human teacher: it is rather the divine Logos that is said to exhort, train, and teach” (Bucur, 2009, p. 321).

³⁴ Tradução de Iara Faria & José Eduardo Carneiro.

tanto de cultura greco-romana quanto da cultura judaica. Combinados, esses conhecimentos acerca de diferentes culturas se encontraram nos escritos clementinos e, juntos, contribuíram para construir o discurso em promoção do cristianismo.

3.3 Recepção de Fócio e a relação entre *O Pedagogo* e *Esboços*

Ao analisar os comentários de Fócio, é possível perceber que ele faz uma nítida distinção qualitativa entre a obra *O Pedagogo* e *Esboços*. Como visto, de acordo com a afirmação de Barbosa, *O Pedagogo* é uma obra que visa cumprir um propósito bastante diferente dos *Esboços* (Barbosa, 2012, pp. 101-102). Desse modo, devido à característica mais prática em que a maior parte do *Pedagogo* foi elaborada, no intuito de educar os gregos e demais povos pagãos na Lei dos hebreus e nas regras morais próprias do cristianismo, Fócio considera esta obra bem mais refinada se comparada aos *Esboços*.

No códice 110 da *Biblioteca*, o Patriarca de Constantinopla elogia tanto o estilo quanto o conteúdo dos livros contidos na obra *O Pedagogo*, ao declarar que ela está “livre de opiniões vazias (ματαιίων) e blasfemas (βλασφημίων)”. Assim, Fócio destaca que essa obra “nada tem em comum com os *Esboços* (οὐδὲν δὲ ὅμοιον ἔχουσι πρὸς τὰς Ὑποτυπώσεις)”, os quais receberam uma avaliação negativa, como vimos anteriormente.

Ademais, Fócio também comenta no códice 110 que há outro livro “introdutório e complementar” (προηγούμενον καὶ συνταπτόμενον) a *O Pedagogo*. De acordo com a tese de Rita Codá dos Santos, trata-se do chamado *Protréptico* clementino, o qual foi traduzido por ela como “Exortação aos Gregos” (Codá, 2006, p. 23). Pode-se dizer que esta afirmação é bem fundamentada, tendo em vista a tríplice perspectiva pedagógica em que toda a obra de Clemente de Alexandria é moldada. Como visto, o currículo proposto pelo padre alexandrino buscava cumprir o propósito de exortar, educar e, por fim, ensinar os cristãos. Logo, *Exortação aos Gregos* se insere no ponto inicial dessa perspectiva.

E quanto às imagens mencionadas no final do códice 110, parece se tratar de uma referência ao capítulo VIII do terceiro livro da obra *O Pedagogo*, cujo título é “As imagens e os exemplos constituem a parte mais essencial do reto ensinamento” (“Ὅτι αἱ εἰκόνες καὶ τὰ ὑποδείγματα μέγιστον μέρος τῆς ὀρθῆς εἰσι διδασκαλίας). Nesse trecho da obra, Clemente discursa sobre como figuras e episódios emblemáticos da bíblia podem servir tanto como um

exemplo de virtude para os homens, como foi o caso de Abraão, que buscou a Deus: “Sem dúvida, alguns homens foram salvos graças a esse tipo de ensinamentos; outros, ao contrário, esforçaram-se a buscar a virtude por seus meios próprios, de forma autodidata” (Clemente de Alexandria, *O Pedagogo* III, 8, 42, 1)³⁵. É dito que Abraão foi chamado de “amigo” (φίλος) de Deus e os discípulos do *Logos* foram chamados de apóstolos (ἀπόστολοι) por terem anunciado a sua mensagem.

No entanto, neste mesmo capítulo Clemente também explica que há imagens negativas mostradas, propositalmente, nas sagradas escrituras. Nesse caso, o intuito do Pedagogo seria de mostrar o castigo que muitos receberam por consequência de seus pecados, a fim de advertir que os fiéis ao *Logos* evitem cometer os mesmos erros. Assim, ele dá como exemplo o episódio em que houve a destruição da cidade de Sodoma, onde os habitantes deixaram-se “ir à deriva pelo excessivo prazer à libertinagem, cometendo impunemente atos de adultério (...)” (Ibidem, p. 267).

Portanto, torna-se evidente a forma como Clemente mostra ao seu público que quem age para fazer desistir os que estão dispostos ao mal não é ele próprio, mas o *Logos* encarnado na figura do Cristo. Este sim deve ser reconhecido como o verdadeiro Pedagogo da sua obra. Desse modo, ele também usa a autoridade do Deus-Filho como mais uma estratégia para trazer credibilidade ao seu discurso.

³⁵ Tradução de Iara Faria & José Eduardo Carneiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de pesquisar sobre questões tão polêmicas relacionadas à teologia cristã tornou-se delicada quando damos importância à distância temporal e, conseqüentemente, à diferença cultural que há entre os dois pensadores estudados neste trabalho - Clemente de Alexandria e Fócio de Constantinopla. Especialmente, as atas dos concílios e as heresias debatidas pelos filósofos cristãos são tópicos espinhosos. Ainda assim, a investigação dessas questões se faz necessária, tendo em vista que este assunto foi ficando, por muito tempo, “à sombra” da História da Igreja.

Ao passo que Clemente se apresenta como um apologista grego do segundo século, cujo objetivo é refutar as heresias insurgentes que ameaçavam o desenvolvimento das comunidades cristãs, nos deparamos com o fragmento de uma obra sua que parece nos indicar o contrário. Como visto neste trabalho, a tradução e análise dos comentários fornecidos por Fócio no século IX nos permitiram investigar o contexto de produção e de recepção de uma obra controversa de Clemente de Alexandria que permanece perdida: *Hypotyposeis* ou *Esboços*. A análise dessa obra a partir dos comentários de Fócio, portanto, foi escolhida como tema central deste trabalho.

Sendo assim, a revisão bibliográfica realizada a partir da análise feita por Bucur (2009) nos permitiu entender que a organização dos fragmentos clementinos pode ter sofrido uma significativa interferência dos escribas ao longo da história, já que estes, por muitos anos, apenas reproduziam excertos em vez de transcrever as obras de forma integral. Como visto no segundo capítulo deste trabalho, esta hipótese desenvolvida por Pierre Nautin está fundamentada na descoberta do Codex Laurentianus (Codex Laur. V3 = L), encontrado no papiro de Tura.

Portanto, não há como afirmar com certeza se os *Esboços* retratam um Clemente jovem, que escreveu sobre as doutrinas filosóficas em voga no segundo século, antes mesmo de produzir o *Protréptico* (*Exortação aos Gregos*), ou se representa o ponto culminante de toda a obra do padre alexandrino. Ainda assim, vimos que a obra em questão é colocada em evidência por muitos pesquisadores quando se trata de investigar a estrutura hierárquica sob a qual o *corpus* clementino foi organizado. Supostamente, esta organização da obra de Clemente visava cumprir um propósito de gradação pedagógica e espiritual do público-alvo. Essa estrutura foi chamada por Bucur (2009) de “currículo mistagógico”, tendo em vista que a

palavra “mistagogia” significa “iniciação aos mistérios”. Nesse caso, trata-se de uma iniciação aos mistérios da cultura cristã.

Portanto, Clemente deixa claro que seu público-alvo são os povos pagãos que estavam em processo de conversão ao cristianismo, principalmente, os gregos. Dessa forma, enxergamos a possibilidade de que, no momento em que escreveu *Esboços*, Clemente ainda não estivesse totalmente maduro com relação à ortodoxia que foi construída pela Igreja primitiva, tendo sofrido forte influência de doutrinas heréticas que circulavam entre os cristãos da época.

Como vimos no códice 109, Fócio apresenta, de forma sumária, algumas teorias polêmicas que Clemente faz sobre as escrituras sagradas na obra *Esboços*. Entre elas, está a discussão em torno da natureza do *Logos*. Assim como outros apologistas gregos, Clemente acredita que o *Logos* representa uma essência divina com a qual Deus criou o mundo e se manifestou aos homens. Portanto, é possível identificar semelhanças entre essa visão e a filosofia do médio-platonismo, que entende o *Logos* como um demiurgo, ou seja, como um intermediário entre o Criador e a criação. No entanto, nas obras canônicas clementinas, o *Logos* é identificado como Filho de Deus, o Cristo, que encarnou na terra. Mas, de acordo com o fragmento 23, observado no códice 109, Clemente afirma nos *Esboços* que o *Logos* apenas pareceu ter encarnado, mas não o fez de fato.

De acordo com a *História das Heresias*, de Frangiotti (1995), uma das correntes de pensamento mais populares entre os pagãos e cristãos nos primeiros séculos era o docetismo. Em resumo, trata-se da crença de que o Cristo não seria um homem de carne e osso, mas sim um ser virtual, como uma aparição ou fantasma. Portanto, não podemos descartar a possibilidade de que o autor dos *Esboços* possa ter sido influenciado por essa doutrina. A partir disso, também estudamos sobre o gnosticismo, o qual pregava que a matéria (finita) é inferior ao espírito (eterno). Dessa maneira, quando Clemente, supostamente, diz que existem dois *Logoi*, ele classifica o segundo *Logos* como inferior ao primeiro só pelo fato dele ter tido contato com os homens, que são seres percíveis.

Tendo em vista a influência do gnosticismo sobre a doutrina do *Logos* apresentada nos *Esboços*, também vimos que ao abordar a polêmica sobre metempsicose, Clemente faz uma interpretação espiritualista do evangelho. Isso se deve ao fato de que os gnósticos não acreditavam na ressurreição dos corpos, uma vez que, para eles, nem o Cristo poderia ressuscitar, nem qualquer ser humano poderia morrer para conquistar a salvação. À vista

disso, era mais razoável associar o conceito de imortalidade da alma, como proposto pelos pitagóricos e por Platão, à crença de que os cristãos estariam sujeitos à transmigração de almas, em vez de acreditar na morte e na ressurreição.

Isto posto, vimos que as polêmicas apresentadas por Clemente de Alexandria nos *Esboços*, podem ser um ponto de partida para novas pesquisas sobre as heresias dos primeiros séculos. De fato, não só os fragmentos dos *Esboços* mostram que Clemente apontava para um projeto de levar os seus discípulos ao conhecimento da “verdadeira gnose”, mas como afirma Moreschini, isso é dito pelo próprio Clemente em outras obras suas, como na *Miscelânea* (Moreschini, 2013, p. 109).

Em contrapartida, a tradução e análise do códice 110 nos mostrou que, a partir da leitura das obras *Exortação aos Gregos* e *O Pedagogo*, Fócio indaga as contradições entre a qualidade destas e a “miríade de frivolidades” que são ditas nos *Esboços*. Com efeito, a veracidade da autoria de Clemente sobre a obra *Esboços* é questionada por Fócio no códice 109, o qual supõe que a obra perdida tenha sido escrita por outro “que tenha se escondido atrás de sua máscara”. E a respeito do estilo de escrita do verdadeiro Clemente, aquele que comprovadamente é o autor de *Exortação aos Gregos* e *O Pedagogo*, Fócio afirma que o estilo é “floreado e elevado a uma sublime medida, com deleite”, além de sua erudição ser “notável”.

Em suma, através do cotejo das obras de Clemente de Alexandria e Fócio I de Constantinopla, buscamos esclarecer que o intelectualismo e as teorias exclusivas desenvolvidas pelos pensadores cristãos dos primeiros séculos retratam, em geral, um cristianismo filosófico e helenizado. Portanto, a história do cristianismo não pode ser realizada através de uma leitura dogmatizante e sem espírito crítico. É preciso ter em mente que nos primeiros séculos não havia uma “Igreja” no sentido que se dá hoje a esse termo (Frangiotti, 1995, p. 7). Dessa maneira, torna-se mais fácil compreender as circunstâncias por trás do contexto de produção e do desaparecimento da obra *Esboços* e das polêmicas doutrinárias que levaram Fócio a classificá-la como herética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. **Imagens de Alexandria**. PHOÏNIX, Rio de Janeiro, ed. 18-1, p. 98-111, 2 maio 2024.

BUCUR, Bogdan G. **The Place of the Hypotyposes in the Clementine Corpus: An Apology for "The Other Clement of Alexandria"**. *Journal of Early Christian Studies*, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 313-335, Fall 2009. DOI 10.1353/earl.0.0265. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/316768>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CHARUMBO, Manuel. **O Martírio Gnóstico segundo Clemente de Alexandria**. 2021. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) - Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia, Lisboa, 2021.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **Exortação aos Gregos**. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo: É Realizações, 2013.

_____. **O Pedagogo**. Tradução de Iara Faria & José Eduardo Carneiro. Campinas, SP: Ecclesiae, 2014.

CODÁ, Rita de Cássia. **A helenização do cristianismo em Clemente de Alexandria**. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - UFMG/Faculdade de Letras, Belo Horizonte, MG, 2006.

DILLER, Aubrey. **Photius' Bibliotheca in Byzantine Literature**. *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 16, pp. 389-396, 1962.

DVORNIK, Francis. **The Photian Schism: History and Legend**. Cambridge, UK: Cambridge University Press Library Edition, 1948.

_____. **The Photian Schism: History and Legend**. Cambridge, UK: Cambridge University Press Library Edition, 1970.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução: Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

FOZIO. **Biblioteca**. Edizione rinnovata e ampliata. Introduzione di Luciano Canfora, nota sulla traduzione manoscritta di Stefano Micunco, a cura de Nunzio Bianchi e Claudio Schiano. Bianchi: Edizioni Della Normale, 2019.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias: séculos I-VII**. São Paulo: Paulus, 1995.

GONZÁLEZ, Justo. **Uma História do Pensamento Cristão: Do início até o Concílio de Calcedônia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HOESCHEL, David. **Phôtiou Myriobiblon, ê Bibliothêkê. Photii Myriobiblon, sive Bibliotheca**. Rothomagi [Rouen]: Sumpt. Ioan. et Davidis Berthelin, Fratr. [Jean Berthelin e David Berthelin], 1653.

HUSSEY, Joan M. **The Orthodox Church in the Byzantine Empire**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1986. ISBN 978-01915-2049-5.

MALHADAS, D.; DEZZOTI, M.; NEVES, M. **Dicionário Grego-Português**. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Mnema, 2022.

MORESCHINI, Cláudio. **História da filosofia patrística**. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

STÄLIN, Otto. (Org.) **Stromata Buch VII und VIII, Excerpta Ex Theodoto, Eclogae Propheticae, Quis Dives Salvetur, Fragmente**. Berlin: Akademie-Verlag, 1970.

TREADGOLD, Warren. **A History of the Byzantine State and Society**. Stanford, California: Stanford University Press, 1997.

WERNER, Jaeger. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WILSON, Nigel G. **The Composition of Photius' Bibliotheca**. Greek, Roman and Byzantine Studies, Oxford, UK, Vol. 9 No. 4. pp. 451-455, 1968.